

ANO XXII
Nº 27
AGOSTO
1995



Editada pela APM do
Colégio São Vicente de Paulo

a chama

São Vicente
avança na
informática!

O fascínio do
Teatro

Sexualidade:
comportamento
dos alunos

Quem é
o ex-aluno
do SVP?

Sabadão
do São
Vicente



ed. Ago/95 v.

904

27

A Chama

**W
E
L
C
O
M
E
T
O
N
O
S
S
E
C
O
N
D
O**



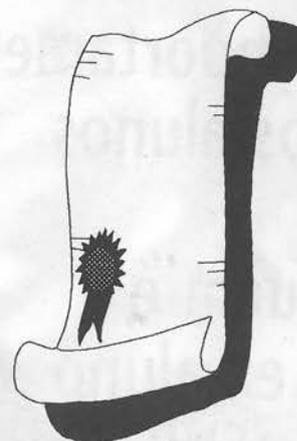
*Terminar o II Grau
sem ter feito um
Intercâmbio ???*

*Não deixe esta
chance passar por
você!*



*Estudando no exterior, cada
dia será uma surpresa e uma
nova experiência em sua
vida.*

*A Central de Viagens Especiais,
através de sua divisão WISE Office,
especializada em Cursos no Exterior e
Programas Culturais oferece mais de
82 tipos de Cursos no Exterior, e
certamente existirá algum para você,
para seus pais, para seus tios, seus
primos e até para seus avós ...*



CONSULTE-NOS !

**CENTRAL DE VIAGENS ESPECIAIS
AV. NILO PECANHA 151-1004
CENTRO - RIO DE JANEIRO - RJ
TEL.:021.2627405 - FAX FREE:0800-237405**

COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO
Nº REG. 904
DATA 27/8/2003

Em 1º de janeiro de 1995 foi empossada uma nova diretoria da Associação de Pais e Mestres, assim formada:

Casal Presidente:

Walter L. Hess e Lucília M. N. Hess,
com 3 filhos no Colégio

Casal Vice-Presidente:

Sérgio Germano Santos e Gilda M. G. Germano,
com 2 filhas no Colégio

Casal Secretário:

Sérgio Munck Machado e Carmem Beatriz Silveira,
com 1 filha no Colégio

Casal Tesoureiro:

Ricardo S. Motta e Maria do Carmo R. Motta,
com 2 filhos no Colégio

Casal Professor: Luiz Fernando Tura e Maria de Lourdes Tura

Esta Associação, constituída em 1960, tem como finalidade estabelecer ampla e eficiente colaboração entre os pais dos alunos, o corpo docente, o corpo discente, o corpo diretivo e administrativo, funcionários e empregados do Colégio, a fim de se obter um pleno rendimento da ação educacional conjunta dos pais, mestres, diretores, administradores e funcionários, em proveito da formação integral: cristã, moral, cultural, social e cívica dos educandos. Assim reza o seu Estatuto em vigor desde 1973.

Na prática, isso se traduz, no que diz respeito aos pais, numa participação efetiva dentro da escola: opinando, sugerindo, questionando e colaborando.

Quermos, portanto, lembrar a todos os pais, que a participação é necessária e bem-vinda, para que juntos possamos chegar o mais perto possível daquilo que nos nossos sonhos entendemos como a "escola ideal".

Walter e Lucília Hess

a chama

Uma publicação da APM do Colégio São Vicente de Paulo

Supervisão
Editorial
Padre José Pires
de Almeida

Edição, digitação e editoração
eletrônica
Carolina Portugal e Stella Rabello
Ilustrações
Augusto (3°C)

Rua Cosme Velho,
241 - Laranjeiras -
CEP 22241-
Telefone 205-0796
Rio de Janeiro - RJ

Você estará lembrado?

O dia-a-dia do CSVP nas anotações e palavras de Padre Almeida

23/11/94- Nasce Lucia, filha do Professor Roberto V. Barros - Peninha. O Diretor a visitou e conferiu: ela é linda!

09/12/94- A turma de 69 vem comemorar solenemente as Bodas de Prata. Sob o patrocínio da Associação dos Ex-alunos, tudo se fez conforme o figurino: missa de ação de graças, jantar, bate papo. O impossível aconteceu: conseguiram trazer de Goiânia o Dario Nunes, um dos grandes educadores do início do Colégio. Grande festa!

01/01/95 - Merece destaque a atitude de nossas funcionárias da cozinha, Conceição e Socorro: para que o Gérson (Pau Ferro) não ficasse só neste 1º dia do ano, acertaram com seus familiares um almoço comunitário na cozinha do Colégio. Isso é fraternidade! Parabéns!

06/02/95 - O coordenador do Supletivo, José Fernandes, com pequena equipe de professores, mais a orientadora Bete procedem a uma inovação: uma entrevista individual com cada candidato, antes do teste de capacidade.

07/02/95 - às 9:30, como previsto em convocação, houve a reunião de Direção e Coordenações com os funcionários que servem à Educação nos escalões intermediários: apresentação de cada um, seguida de algumas manifestações em torno da Proposta Educacional a ser debatida na Semana Pedagógica. Acertou-se que outras deverão seguir-se no correr do ano em datas e circunstâncias a se prever. Neste gênero, foi a primeira e, por isso, valeu pelo fato de sido realizada.

08/02/95- Início da Semana Pedagógica com bom comparecimento, o que se verificou nos dois turnos. Foi seguida a programação da circular de convocação, saindo tudo o que se previa. O comparecimento das forças externas, alunos, APM, Voluntárias, deu novo excelente colorido à Jornada.

11/02/95- Encerramento da Semana ou Jornada Pedagógica, cujas propostas serão devidamente estudadas no decorrer das próximas semanas. O almoço-churrasco foi o toque final da alegria de estar juntos para iniciar novo ano de idealismo através do árduo de educadores.

13/02/95- Retomada das aulas para as quatro primeiras séries do 1º grau. Pe. Almeida percorre as salas da 3ª e 4ª séries, na parte da manhã juntamente com Nina e Norma.

- Recebemos boa notícia, vinda do professor Clovis Dotori, através da Profª. Cátia Miranda: o Colégio São Vicente manteve o 8º lugar no

Ranking da UFRJ, Viva! Aleluia!

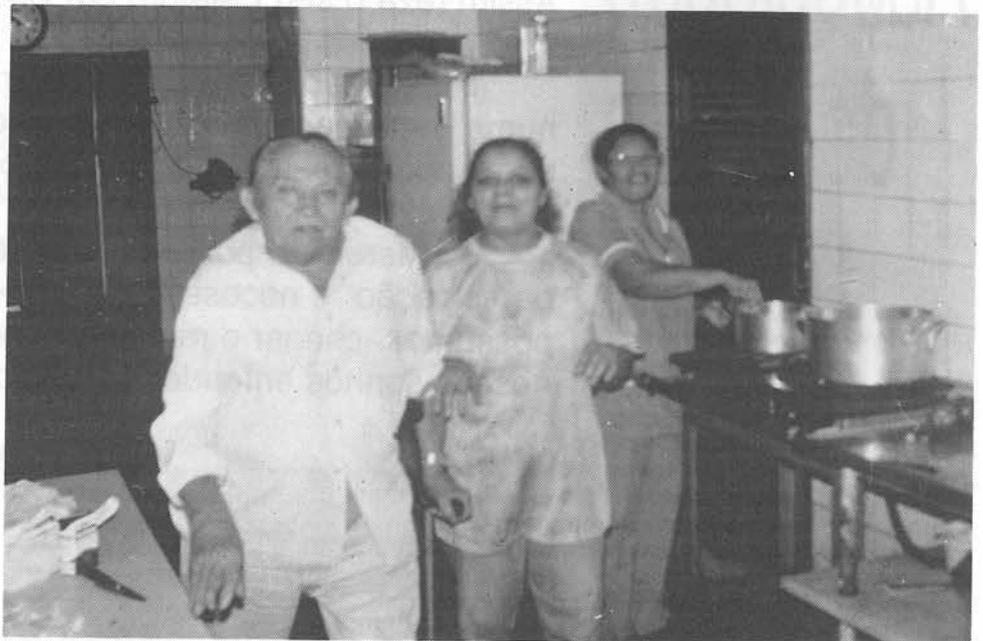
- O prof. João Carlos (Joka), novo coordenador de informática, dá os retoques (refazendo o piso) na instalação dos computadores no 2º andar do Anexo Pe. Horta. Serão já 4 séries ou mais a frequentar a Informática Curricular.

13/01/95- sexta-feira 13, bom início de ano para José Maria (inspetor) e Márcia (enfermeira), que escolheram tal oportunidade para contraírem matrimônio. Quem pôde presenciar deu testemunho da beleza de celebração. Parabéns da CHAMA, com voto de prole numerosa e sadia.

14/02/95- Aulas para todos: cerca de 1500 alunos regulares e 320 do Supletivo.

- Os novos mestres são 1/2 dúzia: Física, Biologia, Português, História do 2º grau. O 1º grau com alguma substituição, Português (8ª série) e Inglês (6ª série).

15/02/95- Pe. Almeida teve reunião com um grupo das Voluntárias da



"Pau Ferro", Maria Conceição e Maria do Socorro preparando a ceia de Reveillon na cozinha

Caridade entre 10 e 16 horas, preparando o Congresso Nacional a se realizar aqui no Rio, entre 23 e 28 de julho deste ano.

16/02/95- Primeiro Conselho

Pedagógico do ano, com presença do novo presidente da APM - Walter Hess - e também do coordenador de Pastoral - Sérgio Maia. Avaliou-se a Semana Pedagógica, julgada a melhor até agora, apesar do relativo número das presenças no sábado, 11/02. A ata será oportunamente divulgada, estando aos cuidados do professor José Fernandes.

- O salão-auditório entra em obras, previstas para durar até o final de março.
- À noite, primeira reunião dos professores do Supletivo. Várias comunicações e propostas para melhorar o desempenho geral do Curso. Se necessário, suprimir-se-á uma turma do CA em benefício de uma segunda turma da 3ª fase.

17/02/95- Morre, às 7h da manhã, de

parada cardíaca, após infarte, dona Cordélia Chaves de Melo, esposa do conhecido filólogo, cristão e vicentino (membro da S.S.V.P.), Glástone Chaves de Melo e mãe de nossa atual coordenadora do SOE, prof. Maria de Lourdes Rangel Tura - a Lourdinha. O corpo foi velado na Capela 1 do Cemitério São Francisco Xavier, no Caju. Ela estava com 82 anos de idade e deixa, além do viúvo, sete filhos e bom número de netos.

- À tarde, reunião de pais (bem concorrida) da 1ª série do 1º grau, presidida pela Coordenadora Marlene Lídia Bluhm, estando naturalmente ausente a Lourdinha, que com ela faz dupla. Reunião de informação sobre o dia-a-dia e de atendimento às questões e sugestões dos pais novos.

20/02/95- à tarde, reunião entre São Vicente e Miraflores para acertar pontos menos claros do convênio, em vista de se evitarem dificuldades.

22/02/- A greve de transportes, afetando a cidade e a baixada, não impede o curso normal das atividades didáticas. Alguns atrasos, sobretudo do 2º grau;



Celebração do 36º aniversário do Colégio com uma missa na Capela do subsolo.

alguns funcionários foram apanhados no centro pelo carro da casa; as turmas sem professor foram sendo dispensadas à medida em que terminavam a programação viável.

- À tarde, também ocorreu tudo sem grandes novidades, apenas notando-se a ausência do percentual previsível (15-20%) e faltando também alguns professores, o que motivou arranjos no horário para facilitar a saída antecipada do 1º grau.
- À noite, muitas faltas, quer de alunos quer de professores. Antes das 20h as turmas já foram sendo dispensadas. A greve deve durar até meia-noite. Amanhã, querendo Deus, será melhor.

23/02/95- Antes do Conselho

Pedagógico, Pe. Almeida recebeu o presidente da APM, Walter Hess com o Haroldo Zager e o Artur, para continuar a reflexão sobre o futuro próximo da Chama. O Pe. Almeida volta à aspiração antiga: dois números, no mínimo por ano, vindo à luz em pleno ano letivo, não nas férias. sugeriu-se o uso do Correio na distribuição. Necessita-se de retorno que tem sido quase nulo na presente conjuntura da única edição anual, saindo já no início das férias e, portanto, condenada a ser atirada a um canto

da casa, se tanto... Encaminhou-se a contratação de secretária permanente para a nova sede, assim como a compra de telefone. Ficará a cargo do Colégio a programação do conteúdo e sua execução.

25/02/95- Em pleno Carnaval, noivado dos funcionários Marleninha e Willian. Ela, Marlene Figueirôa, é coordenadora de disciplina do 1º grau I. Ele, Willian Alves dos Reis, é secretário do Diretor. Aliança no dedo, apartamento quase mobiliado (se o ladrão já não tivesse andado por lá), casamento marcado; quando será?

06/03/95- Noticia-se o delicado estado de saúde do companheiro da Gisele (Artes), Rodoval Vasconcelos Junior, consequência de acidente em natação em Parati. Internado no Hospital Antônio Pedro.

08/03/95- Dia Internacional da Mulher. A Casa já amanhece decorada; a APM, através de dois representantes, postou-se à entrada com rosas para cada Eva da Casa.
• No final do dia, o balanço do gesto da Coordenação Comunitária e APM foi altamente "saudoso". As secretárias, sobretudo,

proclamaram a simpatia do gesto. Venham outros!

- Reunião de pais da 5ª série. Como as anteriores, bem participada (80 assinaturas).
- No horizonte, nova ameaça de greve de transportes para o dia de amanhã.

09/03/95- Veio, de fato, a greve geral dos ônibus sem que aparecessem os anunciados 50% que deveriam ter continuado em circulação. O número de funcionários, pequeno, apesar de terem alguns chegado de táxi e, mesmo, a pé. O efetivo de alunos é bem regular, tanto no 1º quanto no 2º grau.

13/03/95- À noite, reunião de pais da 3ª série do 2º grau, "Pré-Vestibulandos". Reunião muito bem preparada, bem frequentada (70 pais assinaram o livro) e, ao que parece, proveitosa. Alguns professores se apresentaram; entre eles, a Marta (nova) de Português, Alexandre, de Geografia, Marçal, de História, além dos coordenadores e Pe. Almeida.

14/03/95- À noite, reunião da 2ª série do 2º grau, Pais e alunos. Bem menos frequentada, mas interessante.

15/03/95- Também à noite, reunião da APM. Presentes todos os componentes da Diretoria, mais os coordenadores e outros

participantes. Muita coisa em pauta, predominando o discurso da Campanha do Quilo que o casal presidente quer transformar de anual para mensal ou bimestral. continuar-se-á a estudar a conveniência.

- O prof. Joka expôs o projeto, já em andamento, de Banco de Dados Interligados, apresentando a folha técnica com as informações pertinentes. O título BBS, que se traduz Banco de Dados de Computador, por linha telefônica, é destinado aos alunos de 1º e 2º graus. É mais uma etapa da Informática, cujos cursos regulares vão prosseguindo, coordenados pelo mesmo Joka. Brevemente, estaremos ligados à Internet.

16/03/95- No Conselho Pedagógico, com a presença do Casal Presidente, a novidade foi a reflexão Pastoral mediante uma folha previamente distribuída pelo coordenador Sérgio Maia, dando margem ao aprofundamento de conceitos teológicos.

- A Paróquia, por seu Pastor Mons. José Maria Vasconcelos, convidamos a participar na manifestação pública a se realizar oportunamente em adesão à C.F. 95. Na reunião do Supletivo, onde os catequistas do turno expuseram a C.F. 95, voltou-se a isso; quem sabe, os alunos do Supletivo serão mais sensíveis a tal convite?
- Às 20h, reunião de pais da

1ª série do 2º grau. Como nas precedentes de 2ª e 3ª feira, bom comparecimento e boa participação. Os alunos convidados compareceram em pequeno número, como também nas séries 2ª e 3ª. Forte pedido de escaninhos para as mochilas. Solange, a nova coordenadora, respondeu deixando pouca esperança de conseguir tal facilitação. O passado nos alerta contra fáceis ilusões; mesmo os armários dos professores, no 4º andar, vivem depredados.

21/03/95- O Pe. Almeida visita as turmas da 2ª série do 2º grau acompanhado pela coordenadora Cristina Caldas. Provocou o diálogo a ser organizado por eles.

- À tarde, Pe. Almeida vai à reunião de Departamento de Diretores da AEC. Em relação ao Congresso de Educação de Fortaleza, só duas vagas nos foram concedidas.

23/03/95- Pe. Almeida passa com Solange nas turmas da 1ª série do 2º grau provocando diálogo. Pontos explicitados: a proposta da Escola, o comitê Graúna, o *Expressão Livre* etc.

24/03/95- Às 9h30 (recreio), numa sala do subsolo, reunião dos que



A "foto oficial" do grupo que excursionou à cidade mineira do Caraça...



... onde se deleitaram com lindas paisagens



Obra do ex-aluno Sandro, filho do prof. Marco Antônio...



... no Sábado, onde o ex-aluno Fábio pinta uma reprodução da "Monalisa", capa desta edição.

pretendem participar do Comitê Graúna em 95. Presentes, além do Artur, que praticamente foi o orientador da pauta e o porta-palavra, a Solange, O Sérgio Maia - que será o assistente do grupo - o Pe. Almeida mais cerca de 30 alunos.

30/03/95- 36º aniversário do Colégio São Vicente de Paulo. Dia de Festa. No Conselho Pedagógico, o Pe. Almeida lembrou os inícios (bem precário quanto a condições de funcionamento, devido ao atraso da construção do prédio). Depois os anos de luta ideológica da ditadura X Educação Libertadora, hoje, certo "paradeiro" ou apatia aparente, sobretudo do 2º grau. Todos somos convocados a diagnosticar as causas e o remar contra a corrente. Estavam presentes os componentes da recém-eleita diretoria do Gregi:
Presidente: Gregório Torres Mariz - t.84

Vice-Presidente: Mônica Sapucaia Machado - t.84
Secretário: Martha Tuppera de Menezes Santos
Tesoureira: Mila Chaseliav Pereira dos Santos

O Conselho versou, quase todo o tempo, sobre o tema da falta de participação, aparecendo também o positivo que está ocorrendo.

- 11h45 - Missa festiva no subsolo, conforme fora divulgado pela Coordenação Pastoral, em cartaz

de xerox em cores; Capelinha repleta; Pe. Marcelo e Venuto concelebrando com Pe. Almeida; coral do catequistas Miguel e Zé Du e Graça em ação.

- Simultaneamente, ocorrem as competições esportivas de Basquete e Handebol masculino e feminino: SVP X Santa Rosa e São Paulo (Colégios Santa Rosa e São Paulo).
- À noite, sessão de teatro com Ass. Geral da APM e a reinauguração do Auditório com seu novo palco e cabine de luz. Pena que o ar condicionado tenha ficado fora do plano, por enquanto! Mesmo assim, parabéns Pe. Domingos, APM, Coordenação Comunitária, grupos de teatro, etc.

31/03/95- Tido como verdadeiro sucesso de público o acontecimento de ontem à noite: a peça "Os Saltimbancos", novamente encenada pelo grupo "Faz escuro mais eu canto", sob a direção do Prof. Almir Telles, encantou a todos os que superlotaram o auditório, cuja reforma, foi feita com esta data limite. A reforma do palco e da casa de luz (no fundo do salão) ficou muito boa, faltado agora pouca coisa para o ideal; as novas caixas de som, já compradas, não foram instaladas por falta de tempo. As cortinas foram lavadas; dois ventiladores acrescentados, todo o salão repintado interiormente. A representação da

peça esteve à altura da expectativa. O coquetel, igualmente, até superou em qualidade e quantidade. O número e "penetras" foi enorme, gente totalmente desconhecida. Porta aberta, teatro sem ingresso, boca livre... tudo bem!

1º/04/95- Programado para hoje o churrasco dos vestibulandos - nossos ex-alunos de 94 a cargo da coordenação comunitária. Programação executada, mas sem o brilho dos anos anteriores; poucos compareceram. Parece que a Comissão de Formatura (94), encarregada de promoção, deixou cair a peteca. Sobrou carne. Não deixou de haver, entretanto, boa partida de futebol entre professores e ex-alunos.

04/04/95- O Pe. Almeida acompanha o Pres. da APM, Walter Hess ao 2º BPM à rua São Clemente para uma reunião de acertos finais das medidas de policiamento da área dos Colégios São Vicente e Sion. O processo vem do ano passado, encaminhado pelo Euds Furtado, Vice-Presidente da APM, também presente à reunião; a Diretoria do Sion, idem, na pessoa do Sr. Marcos Ricardo da Carvalho, Vice-Diretor. O patrulhamento será feito a partir de amanhã nos horários críticos. O Colégio se compromete a deixar uma agenda na portaria.

05/04/95- Nasce o netinho da Orientadora Norma Goes, Luiz Felipe. A avó garante: bonito e inteligente.

07/04/95- Falecimento de Dona Maria Carmélia Mota Carneiro - era mãe de nosso vice-diretor, Pe. Marcelo Mota Carneiro e de mais uma filha, Mirian, e quatro homens, Fernando, Antônio, Glauco e Luciano; este último, falecido em desastre aéreo a 23/12/59, se celebrizara como repórter internacional da revista O Cruzeiro. D. Carmélia era fervorosa Voluntária da Caridade, aqui do nosso grupo, só deixando de frequentá-lo quando, do todo, impossibilitada de se locomover, no final da década de 80. Viveu 93 anos e sete meses.

10/04/95- Continua a Campanha dos "Loucos Varridos-mirins". Parece estar surtindo efeito, pois o pátio anda menos sujo que de ordinário. Até quando?

- Acertado, enfim, por meio do Artur, o plantão diário as 2 estagiárias a serviço da APM, isto é, da comunidade. Iniciam hoje a presença à sala da Apm e aos computadores sendo orientadas pelo Haroldo Zager. São elas: de manhã, Stella Rabello D. Silveira e, de tarde, Carolina A. Portugal. Grande passo à frente na agilização da imprensa interna; com próxima aquisição de linha telefônica, o passo será bem maior na comunicação da família do Colégio com a própria APM.

11/04/95- Um grupo de coordenadores e membros do SOE comparece à entrevista com responsável do NEPAD, em vista do melhor encaminhamento interno da questão das drogas.

12/04/95- Às 21h o Grupo Caraça estava preparado para zarpar: 45 pessoas de diversas procedências em direção às montanhas de Minas Gerais e mais propriamente, ao Santuário de Nossa Senhora Mãe dos Homens na serra do Caraça. Boa viagem!

16/04/95 - Chega o ônibus da Viação Sampaio, regressando da Semana Santa, passada na Serra do

Caraça. O grupo, de início heterogêneo, se uniu tanto, que foi possível suprir uma lacuna. Todos posaram para a *foto oficial*. Tanto os que já conheciam, quanto os que foram pela primeira vez, pareceu, como das outras vezes, fazer-se a unanimidade nas apreciações. O Caraça tem alma, tem mística e é, por todos os títulos, encantador. Além do mais, os dias foram belos e, quase sempre, ensolarados; o frio, bem suportável; a alimentação, de excelente qualidade e saborosa, sem ser requintada. O acolhimento dos Padres e funcionários, sempre amável e generoso. Os ofícios religiosos também estiveram à altura, graças a presença de outras pessoas, fora do grupo São Vicente, mas bem vindos por laços de parentesco espiritual e afetivo: ex-alunos e seus familiares e aderentes.

18/04/95 - Com a presença do Sergio Maia, deu-se início (às 8:30h) no 4º andar a celebração da Páscoa por grupos de pessoas, conforme os ofícios. Pequena introdução do Pe. Almeida, leitura de texto adrede preparado, reflexão, oração - cumprimentos - com ovo especial (à la Arthur) para cada um.

- Avisos insistentes da CEDAE previnem que faltará água nos dias 19, 20 e 21. Amanhã pelo menos,

as aulas serão normais; quinta-feira, dependerá das condições em que ficarem os reservatórios.

19/04/95 - Continuam em vários momentos, as celebrações pascaís, muito bem acabadas e com excelente participação; quase sempre em momentos de recreios, vão sendo bem rápidas. As de hoje atingem sobretudo, o professorado. As reações em geral, muito positivas. O poema de Murilo Mendes cumpriu bem a missão.

- Comparecem a missa do subsolo a mãe, o marido e amigos e colegas de trabalho da Professora Solange. Ao completar 50 anos de idade (dos quais 26 passados no São Vicente), ela quis solenizar seu agradecimento. Além do celebrante, várias pessoas se manifestaram após o Evangelho. Liturgia realmente comunitária. E Pascal.

20-21/04/95- Celebrações de Páscoa por grupos funcionais, aproveitando-se o esquema de reflexão, prece e confraternização. Valeu, Sérgio Maia!

27/04/95 Atenção! Fato inédito! Ao beber um refrigerante em lata, a inspetora engoliu uma abelha que a picou fundo na garganta. Conseguiu, a custo, cuspir a agressora e tirar o ferrão com



Bazar do Dia das mães organizado pelas Voluntárias da Caridade no hall dos elevadores



O chic Chá das Vovós realizado pela 4ª série, após a conversa na aula de Estudos Sociais

gesto desesperado de dedo na garganta. Foi até o médico que tomou o caso como fato inédito! Para o futuro, verificar o conteúdo das latinhas de refrigerantes..." não se deve introduzir o braço em buracos de cupim..." dizem os roceiros de Minas Gerais.

28/04/95 - Às 10h, passeata de alunos de outras escolas, vinda do CEAT com faixas e gritos de slogans movimenta a juventude contra as reformas anunciadas pelo governo.

• A noite, Páscoa do Supletivo e comemoração dos 22 anos do Curso, completados no dia 23 deste.

02/05/95 - Retorno do feriadão.
Caras de cansaço!

06/05/95 - SABADÃO com muita música de bandas - algumas até relativamente suaves - e pintura de muros. Amplamente debatido, tal evento andou na iminência de ser supresso ou adiado, dados os riscos temidos, devido à entrada de gente estranha ao Colégio. A reflexão apontou medidas a serem tomadas, quanto a segurança e despertou a consciência de vários educadores que acabaram prestigiando a festa. O resultado foi muito positivo; pinturas reformadas, (algumas dignas de

contempladas, como a Monalisa) e Grêmio fortificado pela auto-confiança, pelo contato com as outras instâncias e pelo êxito do evento. Parabéns!

• Arthur acrescenta: tomada de consciência dos alunos que acabaram se comprometendo até com a própria segurança.

• Pe. Almeida foi a Nova Iguaçu estabelecer um Núcleo de Voluntárias, no bairro Esplanada, Paróquia Santa Rita, em Casa das Filhas da Caridade.

07/05/95 - Vários alunos, pintores, vieram completar suas obras de arte, só saindo do colégio à noite.

08/05/95 - Dia de Paz! (1945-95) Solenemente celebrado na Europa com a presença - entre muitas outras - de nosso presidente Fernando Henrique Cardoso em Londres. Os jornais estão trazendo ampla matéria sobre o tema. E nós? Por ora, nenhuma repercussão.

09/05/95 - Reunião com Haroldo Zager, Artur e Sérgio Germano. A Chama vem aí!

• Bela iniciativa na 4ª série: o chá das vovós. Várias avós ou "bisas" vieram a convite para depor sobre "o seu tempo", ilustrando, assim, as aulas de estudos sociais. Após aconversa, o chá com os novos netinhos servido na própria sala. Muito chic!

• O funcionário Rubem, que havia pedido demissão há várias semanas, afastou-se, hoje, definitivamente do serviço da mecanografia. Boa sorte na próxima etapa da vida!

11/05/95 - Desde ontem, 10, a portaria está transformada em Bazar das Voluntárias da Caridade, em vista do dia das mães que aí vem. Como a movimentação de mães está grande nestes dias - hoje, por



A felicidade estampada no rosto do mais novo casal de noivos do Colégio, William e Marlene.



A aluna Paula (2^oC) e professor Bira vestidos como a Bela e a Fera, na Festa Junina do 2^o grau.

exemplo, reunião das mães com as professoras em suas respectivas salas - espera-se alguma compensação financeira de tanto trabalho e dedicação.

- No Conselho Pedagógico, Artur relata sinteticamente a experiência européia inglesa, entusiasmado com os ares do velho mendo. Ele estivera ausente por uma semana para contatos com movimentos de intercâmbio cultural de alunos.

17/05/95 - Movimento cultural pela manhã: a ex-aluna Daniela Caldas, atual mestrandá em Filosofia, veio fazer aos alunos do 2^o grau uma introdução à arte de Rodin (August Rodin/ França - 1840 -1917), escultor contemporâneo, autor do "Pensador", do "Beijo", da "Porta do Inferno", etc, cujas obras de arte se acham em exposição no Museu Nacional de Belas Artes; juntamente com a equipe de Artes (Sheila e Suely), Daniela falou às 8 e às 9h, respectivamente para 1^a e 2^a séries do 2^o grau. Em seguida, houve dispensa de aulas para que os alunos e mestres pudessem ir

ver a exposição. Belo espetáculo no Museu a começar pelo lado externo, onde uma multidão de pessoas, em grande parte alunos de diversas escolas, faziam gigantesca fila. Vê-se que a população escolar não está



Ensaio da quadrilha da Festa Junina durante o recreio do 2^o grau.

dormindo culturalmente.

18/05/95 - Excelente repercussão da ida ao Museu de Belas Artes ontem. A boa organização e a grande movimentação fizeram com que os alunos assumissem a oportunidade com garra. De ônibus, metrô ou carros particulares, os grupos, com seus respectivos professores esperaram pacientemente a vez, na longa fila e parecem ter tirado bom proveito. Notável a afluência das escolas, vindas de toda parte, mesmo do interior do Estado. Calcula-se em 4.000 pessoas o total de cada dia de frequência ao Museu. E valeu a pena, diz também o cronista que foi lá acompanhando os grupos.

19/05/95 - Problema sério: vazamento de água (chuva) na sala de informática (Anexo Pe. Horta); por ora, ao que parece, sem prejuízo dos computadores que se molharam. O coordenador Joka, alerta, já levou o caso a administração.

20/05/95 - Alunos da 8^a série, acompanhados dos professores de ciências partem de ônibus especial para a Ilha Grande, de onde deverão regressar 2^a feira à noite. Boa Viagem. Boas pesquisas!

23/05/95 - Reunião de Pais da t.82. Entre muitas questões levantadas pelas 9 ou 10 mães presentes e



Alunas do primário conferindo suas prendas durante a Festa Junina.

respondidas pela coordenadora Solange, assessorada pela Lucy, emergiu a questão da aula de religião. E aí, a surpresa ao afirmarem que “adoram a aula de religião”. Nota-se que o professor e o Diácono Marcelo, brevemente ordenado sacerdote e que, desde o início, se revelou um ídolo.

- 24/05/95** - Na reunião do ICH, o Paiva levantou a questão da revisão de nossa proposta Educacional, de cuja comissão é o membro principal. A partir de algumas observações da professora de sexologia, Maria Teresa Rocha, o grupo “pegou fogo”; discussão animadíssima que deixou alguns pontos a serem mais aprofundados: a) A proposta da Escola terá necessariamente de passar pela compreensão e aceitação dos alunos? - b) E sua formulação como aparecerá em vista de melhor assimilação? Filosoficamente ou Diadaticamente? - c) que é formar para a cidadania hoje? - d) A relação, essência x existência, teoria x prática? explico: uma excelente proposta pode ser mal orientada em vista da execução... Alguns exemplos dados.
- Professor Peninha afirma: Tudo preparado para hoje à noite: “Pena de Morte - sim ou não?”

30/05/95 - Pela manhã, na Biblioteca, 1ª reunião aqui no Colégio com representação do NEPAD da Uerj devendo seguir-se outras, a partir de 20 de junho. O NEPAD é um grupo de especialistas em tratamento de drogados, agindo em campos diversos e prestando-se a dar assessoria às Escolas. Nossos educadores já haviam tido um primeiro contacto lá na sede Uerj. Mensalmente virá um representante do NEPAD.

31/05/95 - À tarde, veio à escola, em exibição amistosa, um grupo de ginástica rítmica, com belíssimas apresentações no Ginásio coberto. Entre as alunas, duas são também nossas do curso regular, Helena Momesso Castro (1ª série do 2º grau) e Olivia Mendes Senna (3ª série do 1º grau).

1º/06/95 - No Conselho Pedagógico, tratou-se da questão do campeonato de surf, sob o patrocínio do grêmio (Gregi), aproveitando-se o dia de Conselho de Reflexão, em que os alunos não vêm à Escola. Terá o Grêmio autonomia para tal? Mandar circular sem nenhuma participação das coordenações. Dados os riscos da operação seria imprudente deixá-los desprotegidos. Entre

várias hipóteses, prevaleceu a de conseguir dois inspetores para acompanhá-los, na falta de um ou mais professores voluntários.

03/06/95 - Às 10 horas, comemoração dos 20 anos do Jardim Miraflores, através de soleníssima liturgia na Igreja do Cristo Redentor presidida pelo Pe. Almeida, concelebrada pelo Pe. Domingos e participada por variada multidão. Inicialmente, até as criancinhas do maternal estavam presentes. Cantou o coral do Diácono Pe. Marcelo. Tudo fora magistralmente organizado pela sra. Ana Maria Prado, ex-Presidente de nossa APM. Vários ex-alunos e alunos do São Vicente compareceram e vestiram a camisa dos 20 anos. A festa inaugurou as novas e belíssimas dependências do Miraflores. “Mirabile visu”.

06/06/95 - À noite, no auditório, sessão solene de apresentação do trabalho do Núcleo de Pesquisa da Professora Maria Margarida Cardoso (história 5ª série). Simultaneamente, reunião dos coordenadores pedagógicos o 2º grau com os coordenadores verticais.

- A pauta contava de 2 itens principais: Disciplina em sala de aula e “recuperação paralela”. Tratou-se do primeiro item.

07/06/95 - No auditório pela manhã, “Sarau” do 1º grau (4ª série) com números musicais, de dança, etc...

10/06/95 - Festa Junina do ginásio e segundo grau. Com participação de ex-alunos, professores e funcionários.

13/06/95 - Festa Junina das turmas de 3ª e 4ª séries.

14/06/95 - Festa Junina do primário, da 1ª e 2ª séries.

24-06/95 - Na Catedral Metropolitana foi ordenado Padre nosso Professor de religião, Marcelo da Silva Lessa. O Colégio São Vicente tomou parte nas cerimônias da Ordenação e, à noite, da primeira missa em Realengo. Parabéns!

Pe. Almeida fala sobre os novos tempos do CSVP

A CHAMA - Pe. Almeida, como "agentes" da CHAMA e, certamente, embalados pela leitura de sua entrevista ao *Jornal do Brasil*, de 18 de junho, decidimos, por nossa vez, entrevistá-lo sobre o nosso Colégio São Vicente de Paulo. O Colégio está mesmo mudando de proposta ou filosofia? Explicamo-nos: o São Vicente se firmou como educandário que tem conseguido ótimos resultados acadêmicos - 8º lugar na UFRJ este ano - deixando aos alunos, sobretudo do 2º grau, bons espaços de liberdade, participação, organização e criatividade. Estará isso em mutação?

Pe. Almeida- Busca-se apenas uma forma ou redação da proposta mais condizente com as grandes transformações político-sociais destes 26 anos, isso sem tocar nos grandes princípios, tais como: o respeito à pessoa humana, a liberdade com responsabilidade, a criatividade, a participação, a formação do espírito crítico, a formação do cidadão, enfim. Nem sempre ficou bem entendida a meta de formar transformadores sociais que devia caracterizar a proposta; apesar de inegáveis êxitos, verificamos que os "espaços de liberdade" são, confundidos frequentemente com permissivismo, rotulados de "escola liberal"; cessada a busca de liberdade política pelo retorno do país à vida democrática, há sinais de certo cansaço ou desilusão, gerando individualismo comodismo, falta de interesse pelas grandes causas; não faltam também os amigos da "Lei de Gerson". Precisamos encontrar novos estímulos ou novas idéias que impeçam a adolescência "classe média" de debandar para o hedonismo, ou seja, para a busca do prazer pelo prazer, mesmo com sérios riscos pessoais e sociais.

A CHAMA - Sua visão do São Vicente atual é, então, pessimista?

Pe. Almeida- De modo algum. Não sou insensível às iniciativas de grupos de alunos, tais como os componentes do Comitê Graúna que, há dois anos, vem fazendo estrada, como já me expressei em outra ocasião, rumo a uma nova cultura no São Vicente: a da abertura ao necessitado, da sensibilidade social, da caridade organizada; aprecio muito as

diretorias que se sucedem nos Grêmios, buscando, em meio a mil resistências, animar a comunidade estudantil; o Sabadão deste ano, por exemplo, foi fruto amadurecido de reflexões longas e difíceis e de graves obstáculos contornados; o êxito da Festa Junina, nos vários níveis, foi outra alegria geral; e como não mencionar os corais e os grupos de teatro?

Não podemos, porém, nós todos educadores, ficar indiferentes à matança de aula que campeia, apesar de todos os esforços para fazer ver quanto tal abuso é prejudicial e injusto. Nem tão pouco à ameaça contínua de ver estabelecida em nosso meio a violência devastadora da sociedade e a avalanche das drogas, tanto mais perigosa quanto mais sutil. Tudo isso, bem entendido, sem pretender exagerar; existe, no São Vicente grande número de alunos conscientes de suas responsabilidades acadêmicas, dentre estes há os que acham tempo para se dedicar às atividades de animação comunitária; deles se diz que chegaram a perceber o espírito da Escola, o espírito "sanvicentino".

A CHAMA - O sr. não pode negar que, na prática, tem havido mudanças que desagradam aos alunos, sobretudo, os do 2º grau; quais as razões?

Pe. Almeida - Cada mudança tem sua razão e, normalmente, é explicada. Sem dúvida, nem sempre se tem tempo para consultas prévias que, aliás, dificilmente obteriam respostas ponderadas e coerentes. Nossa prática, nesse sentido, tem sido apenas de suprimir abusos. Assim, os abusos das antigas "saídas livres", da permanência sistemática no pátio em horário escolar, gerando o apelido de "Clube São Vicente"; um terceiro exemplo é o da pontualidade no 1º tempo e após o recreio; que vimos combatendo sistematicamente.

Trabalhamos, há bastante tempo, a delicada questão da atitude entre namorados (ou equivalente), enquanto agressivas ao ambiente; a resistência é sempre a mesma: "o que há de mal nisso?"

Compreende-se a resistência às mudanças em geral. Os abusos só se introduzem por serem agradáveis. Ora, tolher o prazer é sempre sinônimo de

ofensa; é supressão de privilégio ilícito mas "legitimado" pelo longo uso. Entretanto, compreender não significa aceitar o ilícito.

A CHAMA - Não tem aparecido resistência formal dos alunos nos casos das mudanças que desagradam?

Pe. Almeida - Em 1990, a supressão da saída livre do 2º grau levou um aluno à sala do diretor para declarar: "Estou me transferindo do Colégio São Vicente, porque o senhor mudou a filosofia da casa".

Quanto à pontualidade às 7h15, também em 90, os alunos do 2º grau se organizaram, debateram a questão e se chegou a um acordo de cavalheiros que, com posteriores modificações, está ainda em vigor.

Foi proposto, no início deste semestre aos alunos do 2º grau, que se organizassem para levarem ao diretor suas sugestões e "mal-estar". Os do 2º ano foram os únicos que chegaram a fazê-lo, através dos representantes. Na prática, as dificuldades reduziram-se a uma de ordem pedagógica, difícil de se alterar a curto prazo. Reconheço a importância do diálogo, como ponto importante da proposta educacional. O difícil é colocá-lo sempre em prática. No ano passado, a proibição do pátio provocou artigo no *Expressão Livre*.

A CHAMA - Quais os seus objetivos, a curto prazo, em relação à Proposta?

Pe. Almeida - Acaba de ser organizada uma comissão encarregada de formular as modificações visando torná-la mais clara, mais dinâmica, mais atualizada, enfim. A redação atual é fruto de alterações ao longo da história, sempre se respeitando o essencial e tendo-se em vista a exigência da atualidade, mais ou menos, o que se pretende, ainda desta vez. Portanto, não mudar de proposta, mas atualizá-la. O resultado mostrará que se trata de uma cirurgia plástica, ou apenas de ligeiro retoque na maquiagem.

A etapa seguinte será torná-la conhecida de toda a Comunidade. A terceira, operacionalizar a prática; aí estará o grande desafio. Quem viver, verá.

José Eugênio Macedo, 25 anos de professor de Educação Física dos alunos de 1ª à 4ª série, é um dos poucos que permaneceram na Casa, sem interrupção, desde os primeiros dias. Convidado a falar sobre as reminiscências do início, gravou em "minicassete" o que aqui segue.

Os primeiros dias

Ao se iniciarem as aulas, em 30 de março de 1959, o prédio, cuja construção durara pouco mais de ano e meio, ainda carecia de acabamentos e instalações; por isso, todos os serviços prévios - inscrição de alunos, pagamento (adiantamento) de anuidades, provas de seleção, refeições dos funcionários, tudo enfim - funcionava na Casa Central da Província. O Pe. Horta, Tesoureiro Provincial e encarregado de levar avante o empreendimento do Colégio se foi, progressivamente, fazendo ajudar pelo pessoal interno, como o Pe. Guerra, destinado a ser secretário, e o Pe. Nogueira, com o encargo da tesouraria; e pelos elementos externos, destacando-se a Srta. Hebe Vanier, a secretária Paula Francinette, o próprio José Eugênio e os dois funcionários da construção, Darcy Moreno e Gerson Vicente (Pau Ferro), ainda hoje em atividade: estes três últimos eram, inicialmente, "paus pra toda obra". A estes vieram juntar-se dois empregados da Casa Central, Pedro Zanini, para vigia noturno, e João, para inspetor. Antônio Soares de Oliveira, hoje motorista, brevemente engrossaria as fileiras de funcionários.

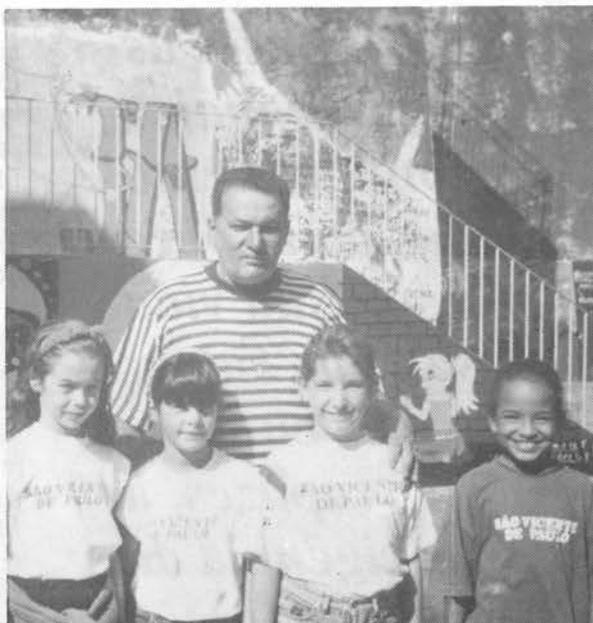
A partir do início das aulas, a parte pedagógica e a administrativa vieram para o 4º andar, permanecendo a Casa Central como logística, dado que a cozinha e restaurante do subsolo, destinados a fornecer alimentação para mais de 200 pessoas, só ficariam prontos em maio, razão pela qual o regime de Semi-internato foi também adiado. Portanto, durante todo o mês de abril e bons dias de maio, o corpo docente e de serviço tinha refeições na casa central.

Os professores

Além dos professores de turmas, desde o início compareceram as professoras especiais: artes plásticas, iniciação musical, recreação, todas sob a orientação da Coord. Josefina; as aulas de religião ficavam por conta dos padres, sendo o Pe. Audálio Neves o primeiro responsável pela pastoral catequética. O Pe. Almeida, então professor no Seminário São Vicente de Paulo de Petrópolis, iniciou suas atividades de "prefeito de disciplina" e Vice-Diretor no dia 31 de março, um dia após o começo das aulas. E, durante todo o primeiro semestre, freqüentava o último ano de Faculdade de Filosofia à noite.

Havia atribuição de funções, mas, na realidade, todos faziam um pouco de tudo. Os funcionários eram poucos; os inspetores, apenas três inicialmente, isto é, o próprio José Eugênio, Maria Inês e a Dequinha, sendo que todos eram acompanhantes de ônibus e, no final de cada dia e na manhã de sábado, ajudavam na faxina geral do prédio... "A gente fazia de tudo, sem hora de almoço,

Recordar é viver



sem horário de saída do trabalho; era uma coisa gostosa, um entusiasmo enorme e a maior satisfação: uma festa", observa José Eugênio.

Logo que começou o Semi-internato, foi contratado o universitário José Francisco que, além de braço forte na disciplina, presidia e orientava o estudo dirigido na parte da tarde e, oportunamente, substituiu alguma professora.

Os alunos eram 350, quase todos transferidos de colégios das mais diversas orientações; em matéria disciplinar houve dificuldades com muitos elementos refratários à ordem.

Ao se verificar a necessidade de maior número de educadores, foram contratados: o Prof. Angelo Vogliatti, Orientador Educacional, o Prof. Jayme Pereira, Animador de Atividades Extra-classe, e outros. Do pessoal docente primitivo, nem todos perseveraram e foram sendo substituídos, a começar pela própria Josefina, substituída pela Coord. Aldina, logo no 2º semestre de 59.

Inauguração Oficial

A inauguração solene do Colégio ocorreu no dia 19 de julho, festa principal de São Vicente de Paulo, tendo sido o semestre prorrogado até aquela data. Veio de Paris o Assistente Geral da Congregação, Pe. Francisco Godinho; o Dr. Negrão de Lima, Prefeito do então Distrito Federal, representou o Presidente da República, Dr. Juscelino Kubistchek de Oliveira; o Sr. Cardeal-arcebispo, Dom Jayme de Barros Câmara, que já havia abençoado o lançamento da primeira pedra dois anos antes, celebrou a missa nos pilotis, após a solene procissão, partindo da Casa Central e descendo a ladeira. O orador da circunstância foi o grande filólogo e vicentino, Dr. Gladstone Chaves de Mello; brilhou a professora de canto que conseguiu fazer cada turma apresentar bons números. Estava também presente a Banda de Música do Caraça, cujo maestro era nosso atual Coordenador do Curso Supletivo, Prof. José Fernandes. Presentes igualmente e cantando na missa os Seminaristas de Petrópolis, entre os quais, o Pe. Lauro Palú e o Pe. Geraldo Humberto Venuto, respectivamente futuros Diretor e Professor do Colégio.

O Prof. José Eugênio, a quem A CHAMA agradece estas reminiscências, deixou de relatar os episódios humorísticos do primeiro dia de aula, 30 de março de 1959. A missa de inauguração estava marcada para às 8h. e, até às 10h., ainda estavam chegando alunos, trazidos pelos ônibus escolares. Ainda bem: a capela, destinada a receber os 350 alunos mais seus familiares, comportava, no máximo, 150. Durante o trajeto dos ônibus, fatos pitorescos ocorreram; a acompanhante Hebe, sem ter a lista e, muito menos, o conhecimento dos alunos, ia convidando todo menino uniformizado a entrar na condução. Calcula-se o resultado!

Também, a ida para as salas de aula foi aquela "festa"; pobres mestres da primeira hora! Felizmente, a primeira manhã foi curta e terminou pelo anúncio de que terça-feira, 31, não haveria aulas, a fim de se poder repensar o esquema para os dias seguintes. O segundo dia de aula, já bem menos alvoroçado, foi um 1º de abril.

SEXO - AIDS - GRAVIDEZ - ABORTO

Alunos do 2º grau dizem o que pensam e fazem

Em uma escola de primeiro e segundo grau, muito se fala sobre a sexualidade dos jovens, o início cada vez mais precoce de experiências sexuais, os exageros nas demonstrações de carinho e os conflitos criados na convivência destes jovens em um ambiente onde circulam adultos e crianças.

Os adolescentes pensam que devem ser autênticos em suas relações pessoais e isso passa pela dificuldade de aceitar a exigência de certa privacidade em suas demonstrações mais elouqüentes de afeto,

Neste ano de 95, os educadores do Colégio São Vicente de Paulo pensaram em refletir sobre essa questão, que serviu de tema em encontros de inspetores e conselho de reflexão de professores.

Quando estávamos preparando o conselho de reflexão do 2º grau sobre este assunto, várias questões estavam povoando nossas cabeças. As diferenças de posições quanto às experiências dos alunos e a negação destes quanto ao que apresentávamos como sendo a realidade do momento fizeram a equipe do Serviço de Orientação Educacional (SOE) pensar em uma pesquisa junto aos alunos.

O tempo, como sempre, era curto para se produzir um questionário. Assim mesmo o fizemos. Conferimos com alguns alunos o conteúdo e, principalmente, os termos de algumas perguntas, consultamos alguma literatura a este respeito, mas não tivemos tempo para um pré-teste. Era preciso aproveitar a Semana Santa para a apuração dos questionários, que seriam respondidos por todos os alunos do 2º grau do Colégio.

A quarta-feira santa foi o dia escolhido para a aplicação do questionário e contamos com a ajuda excepcional de Cristina Caldas e Solange, coordenadoras pedagógicas do 2º grau.

A preocupação quanto a reação dos alunos era grande e, por isso, a alegria foi enorme ao constatar a seriedade com que eles responderam ao questionário. Nestes momentos de vida

Entre as moças, é maior o conhecimento dos pais sobre sua vida sexual. Talvez entre os rapazes, a exigência da demonstração de competência atrapalhe esta comunicação.

no São Vicente, ficamos muito orgulhosos de nossa escola. A turma é mesmo especial. Mostraram o interesse em facilitar o conhecimento desta realidade, que eles sabem de muita importância.

No que pudemos levantar na apuração dos dados do questionário, confirmamos alguns aspectos já supostos por nós, como o início prematuro da experiência de relações sexuais (para os alunos que já tiveram relações sexuais, elas ocorreram, mais frequentemente, entre os 14 e 16 anos).

Entre os que não tiveram ainda esta experiência, as razões apresentadas não se ligam a não aprovação deste comportamento, mas ao fato de não terem encontrado ainda quem os motivasse ou não se sentirem prontos para tal.

Segundo o que informam, quem tem maior influência sobre o comportamento sexual destes alunos são os colegas (50%) e os pais (34%

entre as moças e 23% entre os rapazes). O grupo feminino obtém o maior número de informações com os pais (60%), em revistas (25%) e com médicos (21%). O masculino com os pais (50%), em revistas (28%) e em filmes/vídeos (22%). O que leva a se perceber que a família é a principal responsável pelo comportamento sexual dos jovens. O que seria de se esperar.

O que nos deixou bastante animados foi perceber que há a consciência do machismo na relação entre sexos (82% das respostas femininas e 67% das masculinas); que os jovens, em sua maioria, pensam que é de ambos os sexos a responsabilidade de evitar filhos (cerca de 95%); que existe a preocupação em se proteger da AIDS (cerca de 80%) e de usarem métodos anticoncepcionais; e que são, em grande maioria, orientados por médicos (especialmente as moças) - com ou sem o conhecimento dos pais. Observamos também que, entre as moças, é maior o conhecimento dos pais sobre sua vida sexual. Talvez entre os rapazes, a exigência da demonstração de competência atrapalhe esta comunicação.

Com relação ao aborto, há uma negação de seu uso em maior escala pelas jovens, mostrando a consciência de seu prejuízo para o organismo feminino, grande número de jovens assinalou que esta decisão ficaria na dependência de fatores tais como: circunstâncias em que ocorreu a gravidez, condições financeiras, psicológicas e sociais, desejo de ter o filho, idade e maturidade, decisão do casal, posição do rapaz e apoio da família.

Estes dados, que espelham a realidade da geração de 95 no São Vicente, foram de muita ajuda para a nossa reflexão e serão certamente trabalhados em outras oportunidades, posto que cabe agora continuar a aprofundar, em termos de sentidos e valores, o que está contido nestas constatações.

Lourdes Tura

(Serviço de Orientação Educacional)

Em janeiro de 1993, aceitei o convite do Colégio São Vicente de Paulo, para ministrar uma disciplina denominada *sexualidade* em turmas cuja faixa etária oscilava entre 15 e 18 anos.

De imediato, perguntei-me qual seria qual seria o objetivo de uma escola tratar desse tema dentro de sala de aula: seria possível manter uma discussão dessa natureza sem cair no perigo da doutrinação, estabelecendo normas através de um discurso moralista, a fim de normatizar condutas? Mas, em não sendo este o objetivo, então, qual seria ali a minha função? Propiciar o estabelecimento de um espaço de pensamento e reflexão? Informar? Facilitar o “falar” sobre uma questão, ainda hoje tabu? Seria tentar, mais uma vez, através da escola, prevenir futuros distúrbios? Mas, isto seria viável face à história de fracassos dos programas educacionais para a prevenção em saúde mental?

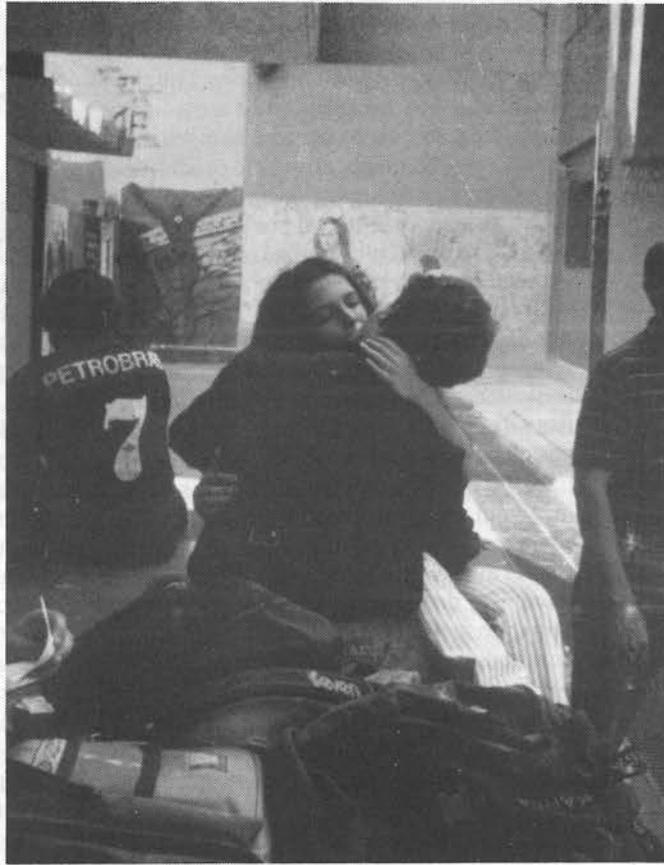
Repensar minha experiência, ao longo de três anos levou-me a constatar que abrindo o debate, no âmbito da escola, sobre a questão de sexualidade é, no mínimo, ver-se diante das complexas tramas existenciais das quais emergem diferentes conflitos. Porém, sendo limitado o raio de ação da escola e, conseqüentemente, do educado, passei a utilizar um procedimento que valorizasse as vivências individuais, ao mesmo tempo, inserindo-as na mutabilidade intrínseca ao corpo social.

Sabemos que a escola age a partir de algo fornecido primariamente através das relações básicas familiares. Assim, tudo indica que, restrito em seu campo de ação, à escola cabe problematizar em cada um, o que nele já existe, exercendo uma função organizadora e ajudando a encontrar um ponto de auto-referência pela reflexão. Sabemos que toda reflexão reverbera no inconsciente, porém as manifestações dele decorrentes, mesmo que sejam percebidas, não cabe à escola interpretá-las. Esta pode sim servir de continente aos conflitos entre os anseios buscados e as exigências sociais apresentadas pelos jovens e, dessa forma, desempenhar a função de continente para a família.

Desta forma, ser educador no que se refere a temas como a sexualidade não seria ministrar um conhecimento que deva ser adquirido, mas propiciar ao adolescente um reposicionamento de sua própria trajetória. A diferença entre o educador de disciplinas que exigem fornecer um conhecimento preciso, e o educador cuja matéria é o mundo existencial do aluno, é que a este cabe provocar reflexões, estimulando a

Educação Sexual: Por quê?

M. Teresa Naylor Rocha
(professora de Sexualidade no SVP)



presença de idéias contrárias, sejam elas da ordem do conflito ou do confronto, como um meio de auxiliar formulações que somente poderão ser feitas individualmente pelo aluno.

O “curso” Sexualidade, um dos vários cursos opcionais, oferecidos pelo Colégio sob o rótulo de ICH (Introd. às Ciências Humanas), se desenvolve num período de quatro meses, com duração de duas horas semanais, dentro do horário escolar, com grupo de 15-25 alunos do 2º grau. O programa básico apoia-se a concepção psicanalítica de sexualidade como processo evolutivo, vinculado à trajetória pessoal e inserida no tempo histórico-social, com o objetivo de percorrer a construção dos sujeitos feminino e masculino.

Procurei adequar a linguagem, evitando terminologia científica, que poderia se transformar em instrumento de controle intelectual, a fim de rotular emoções e estados mentais de si mesmo e dos outros. Porém, o processo de reflexão exige

informações claras e objetivas. Para tanto, alguns encontros dedicamos a temas como: orgasmo feminino e masculino; gravidez e aborto; meios contraceptivos; doenças sexualmente transmissíveis etc. Em outros a temas mais amplos, como: masturbação e virgindade; o “ficar com”; a primeira transa; desejo e culpa; o significado de sexualidade nas diferentes culturas e épocas; limites entre erotismo e pornografia etc.

Após três anos de experiência, muitas questões que inicialmente foram objeto de inquietação ainda estão presentes. Porém, hoje, essas inquietações foram fertilizadas e deixando de ser obstáculo impeditivo de ação, tornam-se um desafio positivo, onde as auto avaliações dos alunos propiciam um permanente repensar. Como não ser atingido e problematizado com afirmações que dizem: “é bom ter a oportunidade de conversar com os colegas, a sexualidade não é mais tratada como antigamente, podemos discuti-la entre garotos e garotas”, “o curso mudou a minha maneira de pensar e entender o sentido da sexualidade em mim e no mundo”, “compreendi que a sexualidade não é só ter pênis e vagina, é uma coisa em que está envolvido o conceito de amor”, “não é só o ato, ele está incluído na busca do prazer... é bom conversar, pois esclarece os nossos pensamentos e porque existem assuntos ligados a essa busca de prazer que são perigosos como engravidar, o aborto, a Aids. Não deve ser a busca de prazer, ele tem que ser consciente”. E ainda, “sexualidade é diferente para cada

um”, “para cada um tem uma definição. Inclui tudo: amor, sexo, afetividade, amizade, questões sociais”, “quando se assume a sexualidade não é só se dizer homem ou mulher, mas é assumir uma postura frente à sociedade... é uma questão de responsabilidade”, “é estar vivendo em uma sociedade em que todo mundo é diferente”.

Destituída da crença cega e da busca de perfeição inexistente, sempre paralisante, a escola poderá ter um papel importante na busca da identidade de um adolescente. Fugindo do extremo de cruzar os braços e de parâmetros de normalidade, a escola pode transitar neste *entre*, contribuindo para que o adolescente possa usufruir a vida de forma prazerosa, regida, porém, por princípios de responsabilidade consigo mesmo e com os outros. Portanto, no dizer de Marta Suplicy, a escola pode assumir parte da responsabilidade ou então deixar acontecer. A escolha é nossa.

Reafirmando nossos princípios pedagógicos

Nina Maria Cunha
(Coordenadora)

Revedo ou reafirmando nossos princípios pedagógicos, a partir da proposta de Educação Libertadora, nos preocupa, em primeiro lugar, esclarecer seu significado e distingui-la da Educação Liberal. Cumpre ressaltar, na primeira, seu comprometimento com a busca da justiça social. Desse modo, está vinculado com os movimentos sociais de defesa dos direitos fundamentais das pessoas e dos grupos humanos e com os processos de luta pela liberdade dos dominados cultural e economicamente por regimes autoritários e repressivos. Diversamente, a Educação Liberal está preocupada com a conquista da liberdade para permitir ao indivíduo realizar suas escolhas e desenvolver ao máximo suas capacidades pessoais, comprometida, assim, com uma certa forma de individualismo.

Na afirmação de nossos princípios de Educação Libertadora, estamos preferindo, portanto, nomeá-la de Educação para o Compromisso Social e para o Desenvolvimento dos Valores Humanos.

A metodologia que nos servirá para conduzirmos nossos processos pedagógicos é a do construtivismo socializado ou da práxis compartilhada, também nomeada dialético-libertadora. Veremos porquê.

Na dimensão lógica do processo ensino-aprendizagem, estamos ressaltando a valorização do agir de quem aprende como elemento central para se compreender algo, entendendo que ação que produz conhecimento é a ação de resolver problemas. Na dimensão social, estamos considerando que toda a aprendizagem se faz em convívio com o outro e, portanto, na ação construtora compartilhada. E, ainda, é, no processo de socialização e de formação a cidadania que se realiza o mais alto nível de aprendizagem, capaz de levar às mudanças e à transformação social.

Propõe-se:

- O aluno como sujeito de seu próprio desenvolvimento: o conhecimento não vem pronto para ser transmitido, o aluno constrói seu próprio conhecimento, manipulando concreta ou mentalmente o objeto a ser conhecido; o professor é um mediador desta atividade do aluno sobre o conteúdo, constituído de problemas sociais atuais e do conhecimento já construído.

- O exercício do pensamento priorizado em relação ao exercício de fixação: o que se deseja é um aluno crítico, capaz de analisar uma situação e atuar sobre ela, transformando-a; este processo não se dá por treinamento, que leva a respostas prontas e não a soluções novas e criativas.

- Os objetivos, declarados ao aluno, como orientadores de todo o processo pedagógico, da seleção e planejamento das atividades; o livro didático é apenas um recurso e não pode substituir a riqueza da construção coletiva.

- O diálogo, o trabalho de grupo, a pesquisa como atividades básicas da aprendizagem: é a relação dialógica que permite a troca, a ampliação e a articulação dos significados; sua consequência natural é o trabalho de grupo, atividade produtiva e transformadora por excelência, que proporciona o conflito e a possibilidade de sua superação; não há aprendizagem se as pessoas não estiverem comparando opiniões, debatendo posições, argumentando, rebatendo; como pré-requisito é preciso que cada pessoa tenha seu parecer sobre o que está sendo tratado, fruto da elaboração própria de um material pesquisado - a pesquisa é um momento de trabalho individual, a partir do qual se levantam dúvidas, questões, desafios, que serão resolvidos cooperativamente.

- A avaliação como mais um elemento orientador do processo de desenvolvimento, enquanto pesquisa e diagnostica o estágio de aprendizagem que se encontra o aluno e possibilita a sua progressão e não, simplesmente, classifica e exclui; propõe-se, portanto, uma postura crítica e cooperativa entre os elementos da ação pedagógica; rejeita-se, assim, aquela visão bancária da avaliação que se restringe à atribuição de notas, a dar ou tirar pontos, a premiar ou punir para conduzir mecanicamente o pensamento do aluno.

- O comprometimento do ser social, do cidadão, através de:

. estímulo à participação nos processos democráticos e recusa do individualismo e da alienação;

. busca da solidariedade e recusa da violência

. busca da construção do bem comum, numa visão ecológica das relações bio-psico-sociais e recusa do consumismo e da depredação;

. busca da auto-disciplina e do respeito à autoridade, pelos processos democráticos e recusa do autoritarismo.

Esta proposta entende a escola como comunidade educativa, em que os educadores são todos os que estão envolvidos nas relações que se estabelecem no ambiente escolar e não apenas os professores; entende que há um currículo explícito na realização das atividades planejadas para o cumprimento dos conteúdos pragmáticos e um currículo oculto que se realiza em todas as outras

formas de relação e atividades que, de modo intencional ou não, acontecem na escola. Explicitar este currículo oculto, analisá-lo e utilizá-lo de modo consciente para sustentar e enriquecer o que já está previsto é o nosso grande desafio.

Um caminho para a descoberta

Maria Margarida
(prof. de História)

“O importante é compreender que, sem pesquisa, não há ensino. A ausência de pesquisa degrada o ensino a patamares típicos da reprodução imitativa”.

O parágrafo acima, expresso por Pedro Demo, enfatiza a importância da pesquisa em todos os níveis da educação.

A pesquisa deixa hoje de ser privilégio de nível superior, transcendendo os muros das universidades e torna-se um dos meios mais dinâmicos de possibilitar ao educando a construção de seu próprio conhecimento. Neste particular, o professor também transforma o seu papel de mero reprodutor do conhecimento, tornando-se coordenador de grupos de estudo, aprendendo, inclusive, neste novo processo.

Na tentativa de incentivar no CSVP tal formação e prática, iniciamos em fins de 1993 um núcleo de pesquisa dirigido aos nossos alunos-adolescentes. Partimos da construção de uma apostila-manual dos passos de uma pesquisa científica, adaptando-a a uma linguagem para jovens.

Diríamos que aproveitamos do método da Pesquisa Participante a peculiaridade de permitir ao grupo a escolha de um único tema de seu real interesse. Naturalmente instrumentalizados pela apostila, seguimos passo a passo, desde o reconhecimento de diferentes fontes, passando pela vivência a visitas em diferentes instituições, construindo paralelamente nossos arquivos-fichários. Em especial a formação destes arquivos requer técnicas de leitura, resumos, sínteses...

O material inicial auxiliar na construção de um Projeto de Pesquisa e, a partir deste, os alunos entram em contato com diferentes fontes que auxiliaram na busca de confirmação da hipótese inicial.

Este trabalho vem sendo realizado de forma extra-classe com encontros semanais e não estipula, *a priori*, o tempo necessário à sua conclusão. O grupo se estrutura, se transforma e caminha no seu próprio tempo.

Objetivamos, entretanto, além do



Pe. Almeida e prof. Maria Margarida com o grupo de pesquisa, em visita à Biblioteca Nacional.

estímulo à pesquisa orientada, abrir espaço para ouvirmos nossos jovens a cerca dos temas que mais os inquietam.

Enfatizando a preocupação filosófica desta escola em conjugar a prática pedagógica a um compromisso social, estas pesquisas, em especial, pretendem, após suas conclusões, um retorno a outros que delas não puderam participar.

Desta forma, procuraremos, sempre que possível, valorizar a produção dos alunos-pesquisadores abrindo, quando conveniente, à comunidade são vicentina como um todo, para apreciarem as conclusões e refletirem em cima.

Esta experiência, embora em fase experimental, vem demonstrando o quão importante é ouvirmos também os alunos, além de reciclarmos os temas emergentes em vista de debate mais amplo entre alunos, pais, educadores e sociedade.

Supletivo: 22 anos

Etiene Guimarães Monteiro
(Prof^o Português - Supletivo)

Mas que pretendo dizer?

Invade-me uma onda de idéias e sentimentos e fico sem saber por onde começar.

Aí, um desejo sobe à tona - falar de aprendizagem. Mas não o amontoado de coisas sem vida, fúteis e sim, de curiosidade, de descoberta, de envolvimento pessoal.

Verifica-se em nossos alunos a modificação do comportamento, das

atitudes, talvez mesmo da personalidade.

É tão bom saber que estão indo ao encontro de suas necessidades, em direção ao que querem saber. E a aprendizagem aparece projetando luz sobre uma sombria área, abrindo-lhes novos caminhos, mais iluminados.

A educação enfrenta inacreditáveis desafios, mas o supletivo vem demonstrando condições de responder a tais desafios.

Seja feliz,
Unidos pensando
Positivo na
Lembrança dessa
Escola
Tão
Inteligente e
Vencedora de todos os
Obstáculos
Erivânia, Luciana e Rosirene (t.41)

Super legal
União
Paz
Lugar tranqüilo e humilde
Esperança de um futuro melhor
Tranqüilidade e paz para quem trabalha
muito
Idealismo
Você sempre alcança a vitória
Ocupar um espaço melhor na sociedade
Ana Maria e Jacqueline (t.41)

Simplicidade
União
Profissão
Lugar
Educar
Trabalho
Importante
Vitória
Oportunidade
Elóide (t.31)

Boa Viagem, avião jovem!

José Mirabeau Lopes
(pai de aluna)

Final aqui está! Chegou ao terceiro ano! É uma experiência gostosa para quem escalou os anos e, deste patamar, olha o passado e vê o futuro. Há uma sensação de vitória. Você venceu, fortalecida nesta convicção, vai cursar um terceiro ano igualmente vitorioso. Ele tem o sabor de acabamento, de arremate. O acabamento exige minúncia, sensibilidade, perseverança. Esta é a grande certeza que a alenta, desafia e encoraja. Alguma dúvida tentará roubar-lhe a luz do entusiasmo! A incerteza do futuro certo. Este é um ano de opções. Você já se decidiu e sua escolha profissional não lhe parece nítida. Você não optou e se julga "perdida". Não se considere indefinida, confusa. Você cresceu no São Vicente em diálogo, em consciência crítica, em criatividade e participação, em visão global do mundo; dialogue com o mundo, analise suas tendências, crie o sentido da busca, veja o universo do trabalho. Estes dinamismos interiores lhe darão condição de optar. Acredite em você!

Vacine-se contra a histeria louca de um vestibular histericamente louco. A vida vale mais do que ele. Ame o que faz e alcançará a Universidade. Do contrário, o terceiro ano se armará como um circo tosco onde se domesticam homínidos para executar acrobacias mentais no picadeiro do vestibular sob o frenético aplauso da futura elite intelectualóide.

Pusilanimente não se agache como réptil comendo o pó do medo. A fé remove montanhas.

O tempo pretenderá galopar indômito pela campina preguiçosa da ociosidade. Organize-se.

Não está só - conta com o apoio de seus pais.

Não está só - as amizades se darão as mãos no itinerário comum. "Amigo é coisa pra se guardar".

Não está só - no íntimo luminoso de seu ser perceberá a presença forte de Cristo vencedor, amigo de sempre e sempre irmão camarada.

Sem mais, vamos acender as turbinas e ganhar altura. A paz, a sabedoria, o amor, que é força, lhe permitirão deslizar num "céu de brigadeiro". Boa viagem, avião jovem!

De seus pais, Mirabeau e Maria Lúcia.
P.S. você, amigo aluno de 3º ano, que leu e gostou desta carta, guarde-a. Ela é sua também.

Qual o papel da Mídia na Educação?

Maria de L. A. Trindade
Mônica Dias Pinto
(professoras)

É possível discutir a questão cultural utilizando as novelas e outros programas de televisão? Como sensibilizar pais e professores para a importância do trabalho com a televisão e outros meios de comunicação?

A todo instante, recebemos dos meios de comunicação social mensagens e informações a respeito de pessoas e do mundo em que vivemos. Rádios, jornais, revistas e canais de TV funcionam constantemente como grandes janelas que mostram o mundo. Ou seja, o que queremos dizer é que todo veículo de comunicação não informa a totalidade dos fatos e das notícias. Os textos e fotos de jornais e revistas, as falas dos repórteres e locutores, as imagens de TV apresentam para nós UMA versão dos fatos em questão.

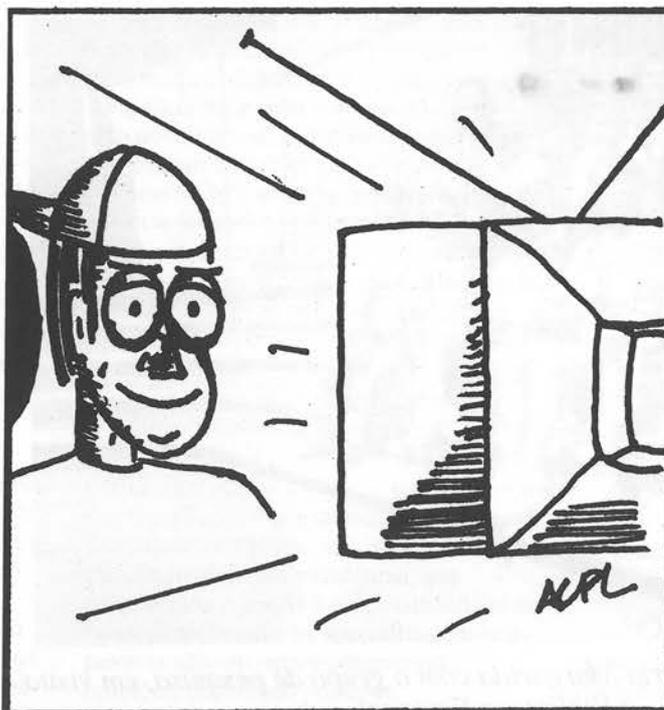
Conversando com uma turma de quarta série sobre os programas de televisão, Isabel, 9 anos, pediu para falar sobre o que ela mais gostava de assistir:

"Para mim, o que a televisão tem de bom são as novelas e os comerciais. As novelas porque têm capítulos variados, têm suspense, coisas engraçadas, coisas tristes e coisas de antigamente. Além disso, adoro ficar curiosa com que vai acontecer no próximo capítulo. Assistio a todas que posso.

Já os comerciais, porque são rápidos e têm músicas bonitas, imagens legais como dança, corrida de carro, gente da praia. Sem dizer que eles apresentam produtos gostosos e bons"

A fala de Isabel nos reporta a duas questões que hoje se apresentam como fundamentais: qual o papel dos meios de comunicação na educação? como a escola deve trabalhá-los?

Como Isabel nos apontou, "assistio a todas as novelas que posso", a televisão (um dos meios de comunicação) ocupa um tempo grande no cotidiano das pessoas. Ela passou a medir as relações, tornando-se o centro das atenções, diante do qual selam-se os lábios e as imagens preenchem ausências - todos fascinados por seu poder mágico. É o veículo através do qual está se criando um novo modelo de vida. Costumes e hábitos modificam-se sem que as pessoas pareçam dar-se conta. Um exemplo pode ser tirado da referência feita por Isabel na



questão da propaganda.

A produção desse novo cotidiano está ligado à penetração das relações capitalistas na esfera doméstica. Criam-se novas necessidades que levarão a formar milhares de consumidores os quais, induzidos pelas belas imagens, não refletirão sobre a necessidade de analisar as razões do consumo.

Por outro lado, quando Isabel nos afirma que atrás das novelas há "suspense, coisas engraçadas, coisas tristes e coisas de antigamente", está nos mostrando a possibilidade que a televisão nos traz de reduzir as barreiras de ESPAÇO e TEMPO, atuando como fator de proximidade. Está nos mostrando também que, através dela, notícias e conhecimentos circulam continuamente, oferecendo a muito mais gente o acesso a esse saber.

Por isso, a avaliação sobre os meios de comunicação não deve passar pela questão do valor: "são boas ou más as mensagens transmitidas por eles?" e sim, pelas estratégias de uso: "que ação cultural é possível fazer-se ao utilizá-las?"

A escola e a família, portanto, deverão conviver criticamente com a produção dessa indústria cultural. Isso significa uma reflexão sobre as questões trazidas por ela e assimiladas pelas crianças.

No trabalho a que fizemos referência no início do texto, outras crianças também deram seus depoimentos. Além das novelas, os programas preferidos por elas foram: *Domingão do Faustão* e *Casseta e Planeta*. Através desses dois programas, se poderia discutir questões como: as regras de convivência, o papel da competição, o humor como forma de denúncia de situações irregulares, a forma de desrespeito entre as pessoas e outras tantas questões com que as crianças também

convivem diariamente. É importante não esquecer que as mensagens passadas pela mídia estão ligadas ao contexto sócio-político-econômico-cultural do mundo em que vivemos. E, ao lê-las criticamente, estaremos caminhando para entender este mundo.

Mas, para que os alunos façam uma leitura consciente e crítica das informações que recebem em seu dia-a-dia, é necessário que conheçam os recursos produtores das imagens que vêm constantemente. Existe toda uma técnica desenvolvida pelas pessoas que trabalham no meio de comunicação social relativa à produção de imagens e fotografias.

Vejamos algumas noções fundamentais, para que dominemos os mecanismos desta forma de comunicação.

Sabemos que toda e qualquer imagem, seja ela uma pintura, um desenho ou uma fotografia, recria a realidade. Isto porque a imagem é sempre produzida por alguém que irá representar um determinado ponto de vista da realidade que observa. Ou seja, uma imagem é sempre um recorte, uma dentre outras formas de se retratar o real. Quando produzimos uma imagem, estamos escolhendo um modo de mostrar o fato em questão.

As imagens que aparecem nos jornais, revistas e TV são previamente selecionadas. No caso de uma reportagem ou cena de novela, sempre são feitos cortes e montagens, a isto se chama edição. A troca dos planos dirige e dá ritmo à narrativa, atraindo a atenção dos espectadores. É a edição que vai permitir que se omitam ou se destaquem fatos, rostos etc.

No entanto, para compreender-se uma imagem, vimos que não basta apenas articular planos e movimentos de câmera, mas também sua significação mensagem, contexto. Para Barthes (1990), os elementos da "leitura" e composição de uma imagem vão estar sempre inseridos num contexto histórico-social. Ou seja, gestos, expressões, luzes, cores; efeitos serão "escritos e lidos" pelos grupos sociais de acordo com vivências, conhecimentos e sentidos a eles atribuídos. Sendo assim, não há como esgotar a riqueza comunicativa de uma imagem.

Este trabalho, englobando todos os aspectos citados acima, é fundamental para que os alunos sejam capazes de perceber a totalidade do mundo, que ultrapassa os limites das "janelas" que nos rodeiam.

(Programa *Um salto para o futuro*, TV Educatica/94)

Cidadania e pós-modernidade

Jorge Miranda

(Prof. Filosofia)

"Vive-se, sem dúvida, nas democracias modernas, a era do vazio..." **Guilles Lipovetsky**

É possível conciliar cidadania e pós-modernidade? É possível ser um cidadão no mundo pós-moderno? Ou a pós-modernidade nega veementemente a possibilidade da cidadania? Estas questões tomadas isoladamente encerram em si uma contradição quase intransponível, uma vez que "ser um cidadão" requer uma consciência crítica, uma visão de conjuntura, um engajamento, pois não existe cidadania passiva; e a pós-modernidade se coloca como sendo exatamente a negação desse projeto, pois transforma tudo e todos em fragmentos, em peças de um sistema que não confere espaços para a alteridade, para a construção do sujeito histórico, importando tão somente a eficácia e a eficiência do sistema.

Muito se tem falado sobre pós-modernidade, as conquistas de "última geração", as extraordinárias invenções tecnológicas, o universo da informática de ponta e a impossibilidade de se viver hoje em dia sem estar conectado às suas liretrizes. O que não foi discutido

suficientemente e é de fundamental importância é a dimensão ética e política, ou seja, o que vai prevalecer nas relações? Não é suficiente a afirmação de que a pós-modernidade é a negação de qualquer projeto; é necessário buscar alternativas; no mínimo, é necessário ter coragem de enfrentar o problema.

Jean-Francois Liotard considera pós-moderno "a incredulidade em relação as utopias, aos projetos filosóficos de uma sociedade mais justa, emancipada e fraterna". O que ocorre fundamentalmente é a crença de que apenas a tecnologia de ponta, os jogos de linguagem pautados na informática é que passam a determinar o conceito de progresso e de qualidade, de valor e de saber; nesse sentido, a idéia central desse universo pós-moderno está resumida na afirmação de Bacon "conhecimento é poder" e é a concretização da teoria de Darwin, da seleção do mais apto; quem, com efeito, entre nós (somos aproximadamente cinco bilhões e trezentos milhões de homens) tem acesso ao mundo de tecnologia de ponta? Quem pode utilizar ativamente as conquistas tecnológicas? Quem é apto nessa engrenagem? Evidentemente, que muito mais da metade da população do planeta torna-se supérflua, desnecessária e onerosa, segundo esse modelo de competitividade e eficácia.

Essa questão é fundamental, porque quem não aderir ao sistema está descartado, como não é possível informatizar o mundo inteiro (a eletricidade em muitos países periféricos só atende aos grandes centros, e o número de analfabetos é imenso), o "jogo" torna-se muito perigoso... O cenário pós-moderno é essencialmente cibemético-informático e informacional; nele expandem-se cada vez mais os estudos e as pesquisas sobre linguagem, com o objetivo de conhecer a mecânica e a estrutura de sua produção e estabelecer compatibilidade entre linguagem e máquina informática. Consta-se então, um refinamento tecnológico que a enorme "massa sobrança" mundial não conseguiria dominar em muito tempo.

É esse "refinamento tecnológico" que estabelece hoje o que é um país civilizado, industrializado, de "primeiro mundo", e os outros, seus primos pobres de vigésimo mundo. É isso o que atesta Wilmar do Vale Barbosa: "... se a Revolução Industrial nos mostrou que sem riqueza não se tem tecnologia, a condição pós-moderna nos vem mostrando que, sem saber científico e técnico, não se tem riqueza. Mais do que isso: mostra-nos, através da concentração maciça, nos países ditos pós-industriais, de bancos de dados sobre todos os saberes hoje disponíveis, que a competição econômico-política entre as nações se dará daqui

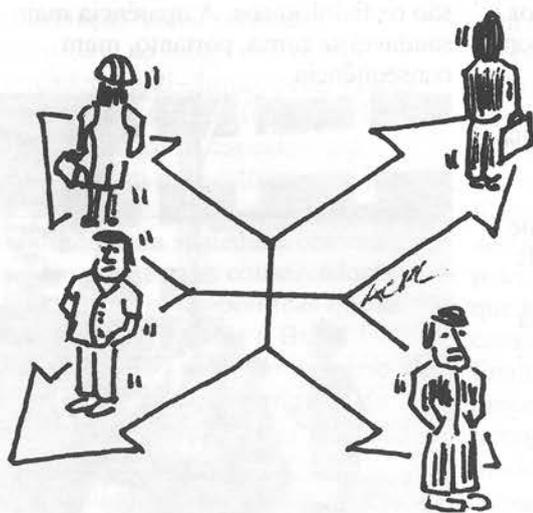
para frente não mais em função da tonelagem anual de matéria prima ou de manufaturados que possam eventualmente produzir. Dar-se-á, sim, em função da quantidade de informação técnico-científica que suas universidades e centros de pesquisa forem capazes de produzir, estocar e fazer circular como mercadoria."

Surge como consequência do que foi desenvolvido até aqui, a pergunta que originou este ensaio: como ser cidadão numa sociedade pós-moderna? Como resgatar a unicidade e dignidade do ser-pessoa, numa sociedade que, tal como está estruturada, desintegra, aliena e que transforma os indivíduos em funções, em mecanismos estanques e impessoais?

Quando se pergunta pelo ser-cidadão numa sociedade pós-moderna, não está se referindo ao cidadão-funcional, isto é, aquele que literalmente se encaixa dentro de todas as estruturas que lhe são impostas. A questão que se coloca está se referindo ao ser-cidadão, no sentido profundo do termo, ser filho da pólis, da cidade; pergunta-se por aquele ser que age, que atua e interfere nas decisões. Ser cidadão, nesse sentido, não é apenas ter consciência dos seus direitos e deveres; como já foi dito, não existe cidadania passiva; ou se adquire uma cidadania, através da respectiva construção que ocorre no engajamento, na participação, (e toda consciência crítica forçosamente é engajada), ou não se tem consciência, nem cidadania, porque as duas são inseparáveis.

Começam as dificuldades: como valorizar a construção de uma consciência crítica, quando é incentivada e valorizada a consciência fragmentada e ingênua, consciência de rebanho, que, no máximo, mostra a realidade de forma superficial, emotiva e como bem de consumo? Como construir uma consciência e, com ela, a cidadania, se o trabalho retalha o homem por inteiro, transformando-o apenas numa força bruta (objeto) e não num ser que exerce trabalho (sujeito)? Como construir uma consciência, se os organismos que deveriam favorecer e fortalecer o seu nascimento, induzem a massificação e a manipulação o tempo inteiro?

Gostaria de deixar como conclusão em aberto, porque o problema foi apenas colocado, que a gravidade ocorre no momento em que a instrumentalização do homem pelo homem acaba por produzir uma degradação existencial, (e as consequências são trágicas, pois geram a indiferença, a apatia, a passividade, e conseqüentemente, a recusa de se buscar um sentido ou um significado para a experiência existencial); sentido que não se encontra ou não está fundamentado nas inúmeras "opções" e eventos que mantêm o homem distraído, desviando-o do verdadeiro problema, que é o de encontrar-se, encontrar o seu espaço nas relações e inter-relações, encontrar sua razão de ser e de existir.



Mente sã e corpo são, nunca é tarde para começar

Paulo Nascimento
(Coordenador Educação Física)

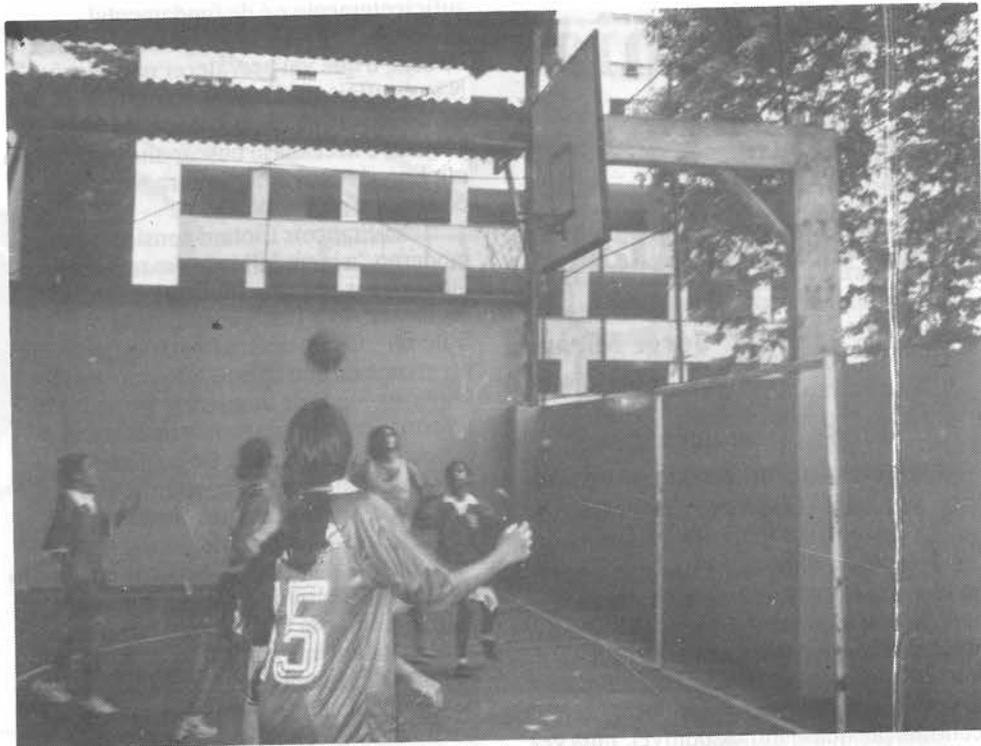
Tomemos como base para esta reflexão a análise feita pelo professor Larsen na introdução de seu livro sobre alongamento.

“Hoje em dia milhões de pessoas estão descobrindo os benefícios do movimento. Para onde quer que se olhe, lá estão andando, fazendo Cooper, correndo, jogando tênis, ou tênis de praia, andando de bicicleta ou nadando. Que esperam alcançar? Por que este interesse relativamente súbito pelo preparo físico?”

Estamos descobrindo que as pessoas ativas têm vidas mais intensas. Têm mais vigor, resistem às doenças e permanecem em forma. São mais auto-confiantes, menos deprimidos e é freqüente que, mesmo em fases avançadas da vida, ainda estejam trabalhando com grande energia em novos projetos.

Nos últimos anos, a pesquisa médica demonstrou que boa parte da falta de saúde é causada diretamente pela falta de atividade física. A tomada de consciência deste fato, acompanhada de um conhecimento mais completo a respeito de cuidados para com a saúde, está modificando os estilos de vida. O entusiasmo atual pelo movimento não é modismo. Sabemos agora que o único meio de prevenir os males da inatividade é permanecer ativo - não durante um mês, nem um ano, mas por toda vida.

Nossos ancestrais não sofriam dos problemas que se seguem a uma vida sedentária; eles precisavam trabalhar para sobreviver. Permaneciam fortes e saudáveis devido às atividades ao ar livre, vigorosas e constantes: cortando lenha, cavando, cultivando o solo, plantando, caçando, além de todas as demais tarefas diárias. Porém, face ao advento da Revolução Industrial, as máquinas passaram a realizar aquele



Basquete feminino

trabalho que era feito à mão. À medida que as pessoas passaram a ser menos ativas, começaram a perder força e também o instinto para o movimento natural.

É evidente que as máquinas tornaram a vida mais fácil, mas elas também criaram sérios problemas. Em vez de andarmos, dirigimos; em vez de subirmos escadas, usamos elevadores; enquanto antigamente estávamos quase o tempo todo em atividade, hoje em dia gastamos a maior parte de nossa vida sentados. Na ausência de exercícios físicos diários, nossos corpos tornam-se depósitos de tensões acumuladas. Na ausência de canais naturais de saída para nossas tensões, nossos músculos tornam-se fracos e tensos, e perdemos o contato com nossa natureza física, com as energias vitais.”

Os tempos precisam mudar. Precisamos adquirir consciência crítica da necessidade de levarmos vida saudável, ativa e gratificante em qualquer idade. Devemos lembrar que é o corpo a moradia de nossa mente, de nossos sentimentos e de nossa alma.

Qualquer um pode ficar em forma. Não é preciso ser grande atleta, mas é necessário que se pratique alguma atividade. Comece devagar e seja constante. O aumento da intensidade desta prática tem de ser gradativa. Possibilite que seu corpo se acostume com a atividade física. É impossível e prejudicial tentar entrar em forma no primeiro dia. Lembre-se de que nunca é tarde para começar.

Se você sofrer de algum problema de saúde, se vier de uma longa inatividade ou se tiver vida sedentária, é fundamental que procure orientação de um especialista antes de iniciar o programa de atividade física. Experimente! Os resultados surgirão a curto prazo. Torne esta prática uma prioridade, um vício, algo de que você não possa prescindir.

E nossa preocupação, enquanto educadores, buscar sedimentar em nossos alunos essa consciência de que a atividade física tem de ser para toda a vida. Tentamos desmitificar o modelo de que somente a estética é importante, pois sabemos que os maiores benefícios são os fisiológicos. A aparência mais saudável se torna, portanto, mera consequência.



Basquete masculino

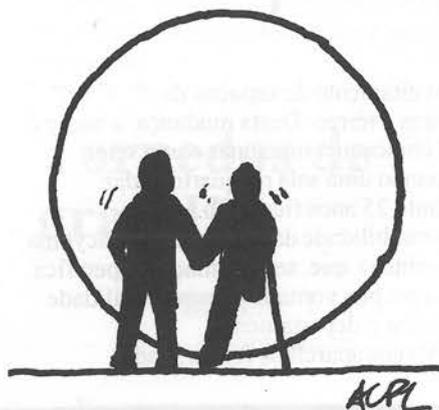
E os excluídos para onde vão?

Angela Paiva
(Professora Inglês)

Cidadania e direitos humanos são duas concepções que se foram desenvolvendo ao longo da história - especialmente no pensamento ocidental moderno - sempre significando o processo de conscientização da condição humana no sentido de seu maior desenvolvimento. Ainda que sejam concepções usadas frequentemente em discursos inócuos e manipulativos, esses últimos dois séculos podem ser vistos como o período em que a humanidade tem lutado, nos níveis e circunstâncias mais diversos, para a conquista dos direitos civis, políticos e sociais.

Mas, quando se fala em direitos humanos, é preciso lembrar que eles não são nunca um *dado*, como lembrou a filósofa Hannah Arendt, mas sim um *construído*, pressupondo sempre o mínimo de condições de igualdade para viabilizar sua conquista e a conseqüente prática cidadã, oriunda desse processo. Sendo assim, sempre dependem de uma prática no nível político, legal e social, que procura levar inexoravelmente à superação e/ou minoração de situações de desigualdade.

Quando se trata de analisar a prática da cidadania e dos direitos humanos no Brasil, verificamos que a formação social brasileira constituiu, ao longo da história, verdadeiro anti-climax pelas razões mais variadas. Seria impossível nos deter em todos os aspectos que contribuíram para este quadro, mas é difícil verificar tanto as relações autoritárias da sociedade colonial, quanto os aspectos conservadores das relações sócio-políticas que se desenvolveram desde o Brasil colonial com o processo perverso de exclusão de grande contingente da sociedade brasileira. Essa exclusão levou a um processo de marginalização dos mais cruéis, gerando pessoas sem cidadanias, que não se sentem pertencendo a nenhum grupo social e incapazes de lutar



pelos direitos mais elementares.

Para que tal processo possa ser revertido, seria preciso haver vontade política na tentativa de integrar o maior número possível desse contingente que foi ficando à margem e que hoje já não tem a menor possibilidade nem de participação nem de compromisso com a vida pública. É preciso investir na educação para a mudança do *status* da cidadania, possibilitando, assim, que cada indivíduo atinja a autonomia necessária para a sua prática cidadã. E, quando for possível o surgimento desse novo cidadão, pode-se mesmo pensar que as "velhas estruturas", que todos denunciam mas que continuam mais fortes do que nunca, finalmente comecem a dar lugar a processos sociais novos que permitam inserir o Brasil numa modernidade de fato e de direito. Seria um processo de *adição* dos excluídos, que, assim, poderiam ter mais chances de um dia chegarem a ser cidadãos.

Nem tão mal-educados, nem tão bem aprendidos...

Patrícia Mendes Rubim
(psicóloga do SVP) - SOE

Fico imaginando que a falta de inspiração é timidez diante da última leitura e do último filme que assisti. Se não tivesse lido "Plano Infinito" da Isabel Allende e visto "Depois da Chuva" não estaria me sentindo pobre de imagens e de palavras. Fico rodando mais do que toco na enchente e penso em tratar do assunto que mais tem sido objeto de discussões aqui no colégio.

Nós (adultos) afirmamos que os alunos estão desinteressados, sem compromisso, com dificuldade para aceitar limites e finalmente mal-educados. De muito escutar tantas "faltas", cada vez vou ficando mais curiosa. Ora bolas, muitos desses alunos "mal educados" foram justamente também educados por nós, já que estão aqui desde pequenos. Que falhou? Em que pedaço perdemos o fio da meada?

A tentação de levantar hipóteses é irresistível: estamos ficando velhos, nossa fala, nossos exemplos, nossas exigências não atngem os alunos. O mundo mudou, evoluiu e a escola pouco andou. Por último, posso até ficar com a explicitação do namorado da minha filha. Outro dia, indignada, no meio da discussão, eu disse: - "Você é muito mal educada!". Ele, com a maior neutralidade de quem não está no "front", retruca: - "Não, ela é mal aprendida, porque bem educada eu vejo que ela foi!". Fiquei tão impressionada com essa resposta que a repeti para muitas pessoas. A gente estuda tanta psicologia, deita anos seguidos no divã e, de repente, um rapaz de 18 anos me sai com uma pérola dessas...

A frase, dita de forma tão banal, nos mostra como nossos "mal educados alunos" têm infinitos recursos. Será que não estamos vendo só o que falta e não está nos escapando a riqueza escondida? Quem sabe, nossas certezas, nossos rumos tão definidos nos cegam frente a inúmeras outras possibilidades? Será que nossa "boa educação adulta" não é frequentemente usada como salvo-conduto para não enfrentarmos o diferente?

São perguntas; quem dera, respostas... Como mãe, tenho as mesmas dúvidas e certamente as mesmas certezas e convicções equivocadas. No colégio, todas as vezes que consigo me libertar dos vícios, das "pré-ocupações" e me disponho a ouvir com atenção o que os jovens dizem, tenho tido gratas surpresas. Mas até para se surpreender tem de haver disponibilidade, afinal algumas pessoas têm medo e até se irritam com sustos. E o jovem, bem, este é perito em suspense!

Audiovisual no CSVP

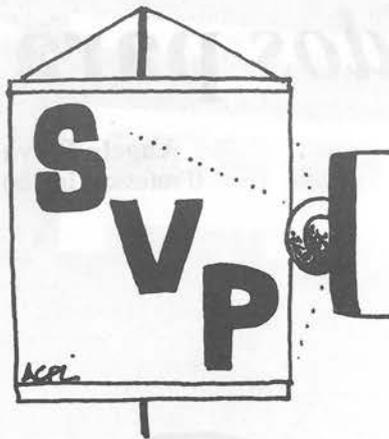
Vânia
(Audiovisual)

No início do São Vicente, o audiovisual não existia como setor. Os mapas e jogos didáticos eram guardados nos armários das salas de aula ou na Sala dos Professores, na época, no 3º andar. As aves empalhadas das aulas de Ciências enfeitavam as salas do primário.

Havia o projetor 16mm. Com exceção de "São Vicente no seu tempo", os filmes eram alugados. O movimento era intenso.

Outros aparelhos foram sendo adquiridos no decorrer do tempo: projetores de slides, episcópio, gravadores, aparelhos estes, que somados ao material didático que aumentava, passaram a exigir um local próprio para serem guardados.

Em 1969, houve uma mudança no



aproveitamento de espaços do 3º, 4º e 5º andares e térreo. Desta mudança, o audiovisual começou a funcionar como setor, ocupando uma sala no quarto andar.

Durante 25 anos ficou sob a responsabilidade da funcionária Aracyema (Dequinha), que, sem formação específica, mas com boa vontade e responsabilidade fez andar o departamento.

Alguns aparelhos foram sendo

substituídos por outros com mais recursos. Atualmente, dentre os materiais didáticos e os recursos audiovisuais, destacam-se os vídeos e as TVs.

Um acervo de fitas se iniciou com aquisições feitas pelo próprio Colégio e por doações de professores. Com as gravações feitas pelo Joca e pelo Artur, ele se expandiu.

Hoje ele consta de 104 programas selecionados entre filmes, documentários, entrevistas, programas didáticos e eventos do SVP. Há, ainda, um catálogo específico para os professores consultarem.

É um trabalho que tem sido constante, pois só neste semestre, até maio, houve um acréscimo de 34 programas e há momentos em que os vídeos e TVs já não atendem as solicitações.

O equipamento de som, comprado em 94, será instalado no auditório. O audiovisual passa a ser o setor responsável pela sonorização dos eventos.

O Áudio conta, agora, com o novo funcionário, Gilberto, que já entrou filmando a festa do 36º aniversário do SVP. A intenção é manter e registro dos eventos e ampliar o lado técnico.

O que significa Pastoral

Sérgio Maia
(Professor)

A pastoral, o termo deriva de pastor, segundo a matriz bíblica (Ez 34; Os 4; Jo 10...). Para o nosso mundo urbano, moderno ou pós-moderno, feito de cimento e asfalto, não há espaço para campo de ovelhas e nem para pastores. Portanto, o termo pastor é quase insignificante. Neste sentido vem uma pergunta: qual é o sentido do "pastor" e da "ovelha" na sociedade onde surgiu a Bíblia?

No período do nomadismo e na fase inicial de fixação na terra prometida, a ovelha é que alimentava o povo de Deus (alimento e lã) e o excedente servia como matéria para troca comercial. A ovelha ocupa lugar de destaque no sistema religioso de sacrifícios. Seu sangue servia para expiar pecados, instituir a paz, exprimir uma oferenda ardente a Deus.

Ora, quem cuidava desse animal de tanta utilidade material e espiritual tinha que se constituir num símbolo religioso de primeira grandeza. O verdadeiro pastor

não é o chefe da tribo, nem o rei, mas Javé. E, na medida que alguém cuida com solicitude de Javé, pode também receber o título de PASTOR.

O pastor é aquele que tem a seu cargo um determinado número de animais; a tarefa dele é bem definida. No global, o pastor deve providenciar água, alimento, remédio e proteção ao rebanho como um todo e cada ovelha na sua particularidade. Tãmanha responsabilidade passa necessariamente pela sua qualificação e se pressupõe que ele conheça bem o campo da ação (onde estão as boas fontes de água? Onde crescem as melhores pastagens? Onde se localizam os perigos? Onde se escondem os inimigos?), conhece bem cada ovelha (Raça? Cultura? Condições físicas? Possibilidades?) e o rebanho todo (Comportamento grupal? Tendências? Lideranças? Funções?)...

Mas este processo depende da opção do pastor. Ele pode produzir morte ou conduzir ao caminho da vida, pois o pastoreio é uma opção livre, consciente e refletida que nasce nas vertentes da fé e do amor a Deus a ao próximo (Mt 22, 34-40). Em outras palavras, existem pastores verdadeiros e outros que promovem a morte, ou seja, existe o mercenário "que não é pastor" (Jo 10,12).

A imagem do pastor traduz dois elementos fundamentais da experiência de Deus feita pelo povo de Israel. Pastor é autoridade e solicitude, poder e carinho, vigor e ternura. Deus é aquele que vigia, comanda, conduz as ovelhas, chama-as pelo

nome.

Jesus de Nazaré ao ver a multidão, comoveu-se por vê-la cansada como ovelha sem pastor (Mc 6, 34) revela-nos uma novidade - o PAI delegou a ELE a função de Pastor. Jesus de Nazaré, o Cristo, é o pastor que dá a vida pelas ovelhas (Jo 10)

João Batista Libânio, padre e teólogo Jesuíta define a pastoral como sendo o agir da igreja no mundo. É um conceito nítido e complexo ao mesmo tempo. Que Igreja? Que mundo? E que agir?

Padre Nelson Tonello: "Pastoral é a ação organizada do povo de Deus na concretização do projeto de Jesus Cristo: Reino dos Céus".

A Pastoral da Educação pode ser entendida, então, como o trabalho organizado da Igreja no sentido de fazer acontecer o Reino de Deus no campo da educação. Seria o mesmo que dizer a presença da Igreja na educação. Os cristãos batizados, vivendo o seu batismo e atuando na educação onde ela esteja acontecendo, seja de maneira formal (nas instituições escolares), seja em outras situações não formais, como nos movimentos populares, nos meios de comunicação, na família etc.

Eras tu, senhor?! - Campanha da Fraternidade

Fontes de pesquisa: 1) Subsídios da CNBB - Sul - 2, Organizado pelo Prof. Bonifácio Sola. 2) Texto da Pastoral da Educação de Terezina - PI, Organizado pela Irmã Leônida Favéro. 3) Estudos da CNBB, Nº 41, Para uma Pastoral da Educação. 4) Livro: Conheça melhor a Bíblia (Noções Gerais da Bíblia em linguagem Popular) Padre Luiz Cechinato - Vozes 1985.

Democracia se aprende na escola

Enilson d'Oliveira
(pai de aluno)

A convivência com a diretoria da APM-CSVP, durante a gestão 94/95, foi bastante enriquecedora para o amadurecimento do pessoal nessa difícil tarefa que é o gerenciamento das relações humanas dentro de uma organização educacional, aberta ao diálogo em busca do futuro, sem contudo perder a tradição.

Tradição e Modernidade são qualidades que envolvem a todos neste final de século XX. Introduzem, em nossas famílias e nas sociedades modernas, um comportamento tecnológico eletrônico e diminuem nosso tempo para sonhar, caminhar nas florestas, ler bons livros, sem ouvir o "plim plim" da TV. Este nos impede de refletir sobre um futuro diferente de uma ordem determinista, em que somos induzidos a pensar dentro de uma lógica definida.

Neste sentido, gostaria de grifar que, no convívio com esta difícil tarefa de pensar no futuro das gerações que estão passando pelo CSVP, existe um processo educacional. Mesmo com falhas humanas inevitáveis, este processo tem obtido êxito na sua missão, na qual o pensar e o saber são mecanismos eficazes para refletirmos sobre as regras do jogo social e justamente pensar além delas.

Vale dizer aos senhores pais, que o século XXI que nos aguarda "será o século do espírito ou não será". Quero dizer com isto que, embora a missão do CSVP esteja imbuída do convívio religioso, não é obrigatória e nem imposta uma religião; mas lembrem-se que não existem culturas sem religião e sem tradição.

Assim, conceber uma relação de jovens para uma sociedade capitalista industrial e individualista negando a existência de Deus, seria melhor retirar seus nomes e substituí-los por números. Evidentemente que estou dramatizando, mas nem tanto; a vida urbana brasileira tem produzido fotografias muito nítidas das engrenagens importadas pela economia de mercado e as suas contradições de percurso.

Nessa hora, gostaria de expressar o reconhecimento pela prática

democrática muito bem conduzida pela direção do CSVP, onde a lealdade, a fraternidade e o amor à dura missão de educar, com certeza, frutificará na formação de cidadãos comunitários e de atores mais criativos do espaço brasileiro.

Ainda como referências importantes nesse trabalho coletivo desenvolvido pela APM-CSVP, gostaria de destacar as obras de recuperação do auditório e do Anexo Pe. Horta -para laboratório de química e informática- obtidos através de uma análise minuciosa e criteriosa, produzidas por processo de reuniões, no qual foi indispensável a prática da Democracia que se aprende na escola.

Torpedos de gratidão

Marlene Lídia Bluhm
(Coordenadora 1ª e 2ª séries)

Elogiar é reconhecer, entusiasmar e, sobretudo, valorizar uma ação, um trabalho. Se aplaudir é dizer "eu gostei do que você fez", de certa forma, elogiar é um jeito de ternura acariciando quem a gente quer bem.

Outro dia, na reunião de Pais, com alegria recebemos um bilhetezinho dizendo assim: "Sou mãe da turma __, e estou gostando muito da escola. Estou satisfeita com o ensino, a disciplina, a noção de respeito e responsabilidade. Meu filho está muito legal! Obrigada."

O bilhete rodou nas mãos das professoras e, em cada rosto vi um sorriso. Fez bem!

Nem bem estávamos acabando de comentar este estímulo revigorante, simples, sem segundas intenções, chegou uma outra cartinha: "Tudo bem? Fiquei super satisfeita com a Reunião de Pais. Reforçou minha confiança no Colégio. Sua segurança ao falar do grupo e do trabalho pedagógico são fatos com os quais o S. Vicente se preocupa: ter professores bem preparados e competentes.

A minha filha se mostra cada vez mais envolvida com a escola. Acho muito importante esse veículo que ela estabelece com o estudo. Mais uma vez obrigada por tudo."

Novamente os professores "curtiram" os elogios. Nos sentimos, nas palavras, os sentimentos espontâneos, sinceros, sem intenção de bajular ou obter quaisquer privilégios.

Quem escreveu acompanha nosso trabalho, percebe o processo educativo na sua plenitude. Assim como observa o trabalho das nossas abelhinhas que beijam as flores e fabricam o mel.

Um dos nossos desportos favoritos: Criticar

Marlene Lídia Bluhm
(Coordenadora 1ª e 2ª séries)

É uma atividade especialissimamente difícil e para a qual nos sentimos perfeitamente preparados. Será?

Criticar costuma ser apresentado na atualidade não só como um grande direito, mas também como um mérito. E quanta falsidade e mediocridade se esconde, às vezes, atrás de tão bonitas palavras!

No seu artigo "A arte de criticar", Pe. José Martin DEscalzo continua registrando que leis fundamentais que nos ajudam quando e como se deve fazer a crítica são as seguintes:

Não tem o direito de criticar quem habitualmente não sabe elogiar. Quem nunca elogia aquilo que seu filho faz bem - e todos fazem muitas coisas bem - que direito teria de o censurar quando erra?

Não se deve criticar aquele que não se ama. Se crítica visa construir e não destruir, não é lógico que só se critique aquilo que amamos?

Criticam-se os governantes porque se ama o país.

É claro que se critica o que se ama, critica-se com amor com a mesma delicadeza que se emprega para tratar de uma ferida. Na crítica recheada de ironia ou de sarcasmo, pode haver um desabafo de quem critica, mas não uma esperança de verdadeira melhora.

E o padre continua com sábias orientações:

Deve-se fazer a crítica frente a frente. Nada há de mais covarde que a denúncia anônima. O que atira a pedra e esconde a mão só demonstra que o coração está podre.

A pessoa interessada e em particular é que a crítica deve ser feita (com a exceção da crítica pública às coisas públicas). Crítica diante dos outros é humilhante e contraproducente.

Nunca se deve criticar fazendo comparações. Isto é esquecer que cada pessoa é uma pessoa.

Os fatos podem ser criticados, jamais as intenções. Quem ama supõe sempre a boa vontade naquilo que ama.

A crítica deve ser específica e não generalizada; objetiva e não exagerada. Qualquer exagero na crítica a faz perder toda a sua eficácia, porque não é verdadeira.

Criticar o que não se comprovou bem é predispor-se a ser injusto.

É bom evitar as palavras "sempre", "nunca", "jamais", pois ninguém é sempre mau!

As ações orientadas pelo espírito cristão facilitam as relações entre as pessoas.

O São Vicente na era da Informática

João Carlos Rodrigues Gomes (Joka)
(Coordenador de Informática)

Vamos começar voltando no tempo. Há uns dez anos, um grupo de professores do CSVP começava a se reunir, após o horário das aulas, para conversar e aprofundar o que seria a informática no colégio. Isso era vanguarda, a mesma vanguarda do CSVP da época em que estudei (1966 a 1976), em que se falava de lógica e linguagem binária na 7ª série e se construíam rádios e equipamentos eletrônicos no Curso Profissionalizante do 2º grau.

Desde aquela época, tínhamos uma preocupação: colocar a máquina como ferramenta para auxílio em sala de aula. Pois bem, esse é exatamente o caminho que escolhemos para implantar os computadores no colégio.

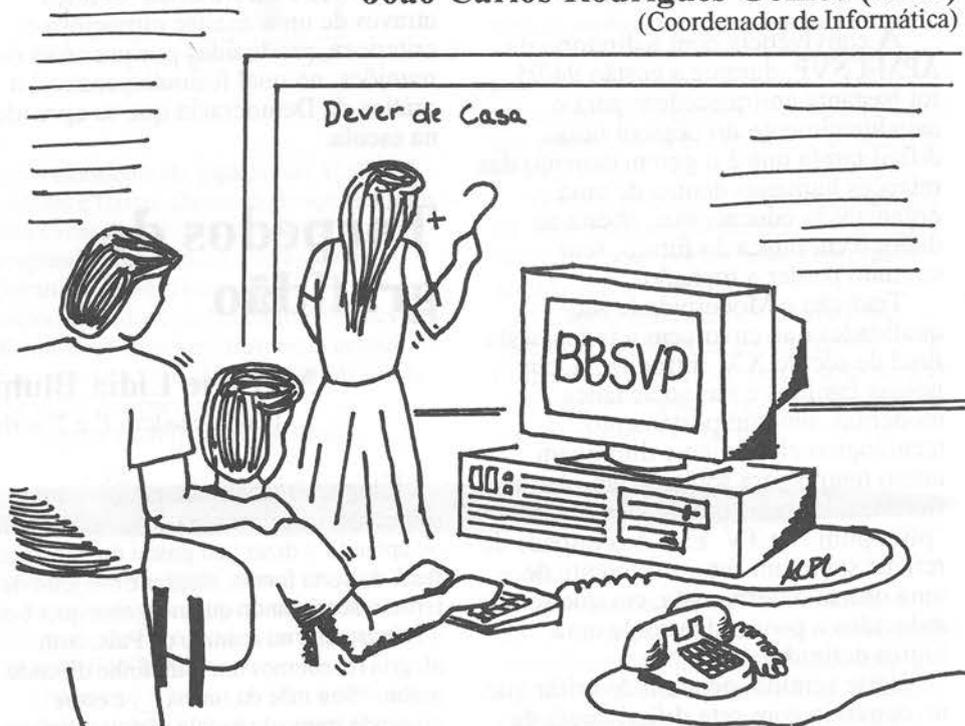
A seguir, vou descrever um pouco de como foi feita essa opção e quais são as linhas mestras de nosso projeto.

Em 1991/1992, por solicitação do Pe. Almeida, formou-se um grupo de professores e coordenadores para estudar o que estava sendo feito em outros colégios em termos de informática (curiosamente vários dos componentes deste grupo tinham estado naquele grupo pioneiro de dez anos atrás). O que vimos ao visitar outros colégios não nos deixou bem impressionados: a maioria era de programas do tipo "vira página", que só diferiam de um livro pela página não ser de papel e, sim, a tela do computador. Programas criativos, inteligentes e interativos, não conseguimos encontrar naquela época. Alguns colégios também ofereciam cursos de programação (basic, fortram, dbase, etc.) estando também fora da nossa idéia sobre informática/educação. Conclusão: **Nada de computadores no nosso colégio, pois o nosso objetivo não era panfletário e, sim, pedagógico.**

Como a pressão de certos pais para que o colégio tivesse "computadores" era grande, foram criados cursos livres, fora do horário de aulas, pagos à parte e desvinculados das matérias de sala de aula.

Em 1993, continuando nossa pesquisa, contactamos algumas companhias prestadoras de serviços nessa área. Ouvimos muitas propostas e concluímos que a mais afinada com a nossa idéia era a da IBM (Projeto Horizonte). Além disso, particularmente, continuei a pesquisar programas e consegui alguns bem interessantes, inteligentes e criativos.

Preferiu-se, entretanto, não vincular o S. Vicente a nenhum Projeto. A



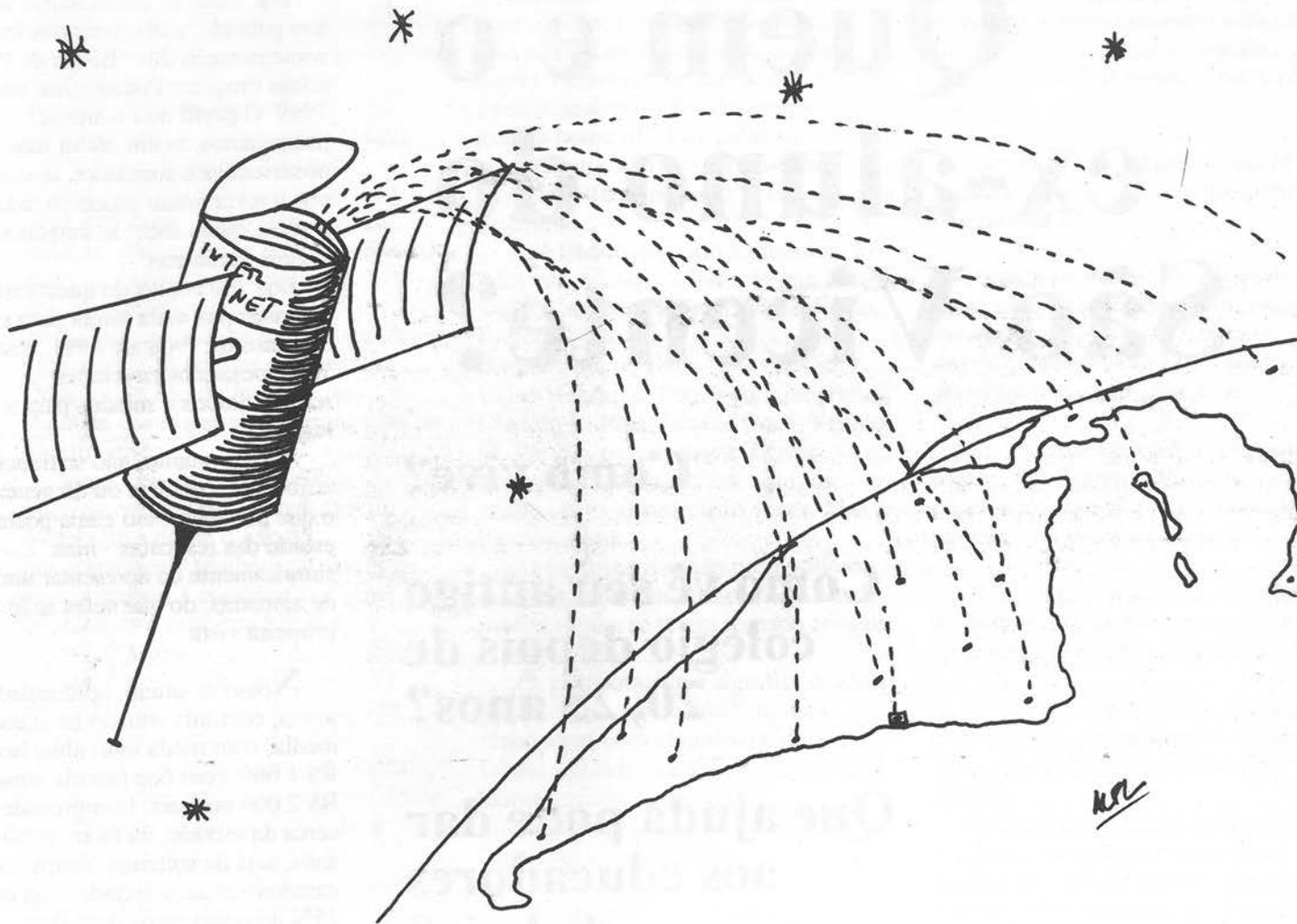
direção do Colégio propôs que começássemos em 1994, de uma forma lenta, sem grandes alardes e sem ônus para os pais. Para isso, em dezembro de 1993 tivemos um curso de sensibilização para os coordenadores verticais de todo o colégio, com intuito de mostrar as potencialidades do computador e de saber deles se essas máquinas ajudariam ou não o aprendizado de algum segmento das suas matérias. Como a resposta foi positiva, já tínhamos a primeira carta branca. A segunda etapa foi decidir, com a ajuda da equipe de matemática, quais séries teriam aulas com computadores, dentro do horário normal de aula.

Foi decidido que, em 1994, teríamos computador para todas as turmas de 3ª série. Utilizando a **Linguagem LOGO** (que se associa à introdução aos computadores e vários itens e projetos de sala de aula), esse curso seria dado por uma equipe de professoras de fora do colégio, especializada nessa faixa etária e tentaria envolver ao máximo as professoras da 3ª série do colégio.

Haveria, também, computadores para todas as turmas de 6ª série, e se utilizaria o **Programa CABRI-GEOMETRE** (programa francês que abrange de uma forma nova e interativa todos os conceitos abordados nessa série e nas seguintes), o **Programa DERIVE**, para matemática (que aborda todo o conteúdo da 6ª série do primeiro grau em diante até cálculo e matemática universitária). Esse dois programas seriam trabalhados pelos alunos em um tempo semanal comigo, pois, além de estar implantando o projeto, era o professor de desenho geométrico do curso regular do colégio. Além desses, o **Programa FANTA** (para construir animações em computação gráfica), usado pela equipe de Artes do colégio, acessorada pelas professoras que estavam trabalhando o LOGO na 3ª série).

Ao final de 94, avaliamos o trabalho e concluímos que os êxitos superaram em muito as falhas.

Chegamos ao início do ano letivo de 95 e algumas decisões tinham que ser tomadas em relação à informática no colégio.



As opções eram três. E tínhamos que ser coerentes com o projeto que abraçamos.

A primeira opção seria manter os cursos fora do horário escolar e pagos à parte, o que resultaria em um baixo investimento do colégio. Porém, os cursos não seriam para todos e, dificilmente, se conseguia uma integração com a matéria de sala de aula.

A segunda opção consistiria em entregar o espaço e as turmas do Colégio a alguma das muitas firmas prestadoras de serviços. Mas, como essas firmas trazem seus professores de fora, teríamos outra equipe trabalhando de uma forma diferente da nossa. Além de termos de suprimir algumas matérias do tempo normal, para que se pudesse encaixar as aulas de informática no horário normal.

A última opção, que foi escolhida, era a de continuar o projeto de 1994, ampliando-o para mais duas séries e preparando a estrutura para 96. Assim, foi possível manter o compromisso primeiro de estar intimamente vinculado ao conteúdo de sala de aula.

O problema era que, desta forma, teríamos uma utilização em tempo integral do laboratório de informática, o que acarretaria na falta total de horários livres para atendimento a outras turmas e reciclagem e preparação de professores para a continuação do projeto de informática.

É óbvio que essas desvantagens não eram tão gritantes como são hoje, a quase metade do ano letivo de 95. Mesmo assim, nas únicas janelas livres (tempos sem aula entre duas aulas de laboratório), temos professores se envolvendo e tentando aproveitar o laboratório (ex. Desenho Geométrico da 8ª série e projeto de iniciação para 1ª e 2ª séries do 1º grau).

Mas, esse tipo de trabalho não sistemático e fora da grade curricular traz alguns transtornos para a vida normal do colégio; como a lotação do laboratório é de 20 alunos, só metade pode ser atendida de cada vez. Quanto à preparação de professores, também fica muito difícil, uma vez que os únicos horários disponíveis seriam sábado pela manhã e dias de semana após às 19h.

Em 1995, foi criada a coordenação

de informática e os cursos passaram a abranger a 4ª e a 7ª séries do 1º grau, como previsto anteriormente.

Também tínhamos previsto a expansão do laboratório, para que pudessemos atender alunos de outras séries (por exemplo, 2º grau, 5ª e 8ª séries do 1º grau) e para que pudessemos preparar os professores (em horários razoáveis). Para isso, foi criada uma taxa mensal extra de R\$5,00, divulgada por meio de circular enviada aos senhores pais ainda em dezembro de 94.

Destaco, ainda, como iniciativa de um grupo de alunos e minha, a criação, em março de 95, da BBSVP, uma BBS (Bulletin Board System), que é um sistema de interligação de computadores pela linha telefônica, gerido e administrado por alunos do Colégio com o intuito de prestar serviços a outros alunos, além de difundir programas educacionais e tirar dúvidas através do computador. Para um futuro não muito distante, este sistema facilitará a interligação à rede internacional (Internet) e a outros colégios.

Quem é o ex-aluno do São Vicente?

Como vive?

Como vê seu antigo colégio depois de 20, 25 anos?

Que ajuda pode dar aos educadores de hoje?

“O Colégio me formou como homem, como cidadão comprometido com os destinos desse país e do mundo. Tudo o que fiz depois acrescentou coisas, mas o pilar, a estrutura emocional humana foi formada no Colégio, em especial, nos anos do 2º grau”.

A idéia do questionário surgiu, no ano passado, como uma das formas de comemoração das “Bôdas de Prata” de nossa Proposta Pedagógica, adotada em 1969. O perfil do ex-aluno, pensávamos, assim como suas observações e sugestões, deverá ajudar-nos a rever nosso processo, adaptando-o mais, quem sabe, às exigências sociais hodiernas.

Das 700 cópias do questionário já enviadas por mala direta para ex-alunos dos anos de 1968 até 1991, retornaram 130, apesar dos envelopes sobrescritados e selados para a resposta.

Aqui, portanto, não se trata de atribuir percentuais ou de generalizar - o que poderá vir em etapa posterior do estudo das respostas - mas simplesmente de apresentar uma síntese de amostras, do que nelas se lê à primeira vista.

Nosso ex-aluno, apresentado até agora, continua situado na classe média, com renda individual acima de R\$ 1.000, com boa parcela atingindo R\$ 2.000 ou mais. Compreende-se que cerca da metade, na faixa de 20-30 anos, seja de solteiros; dentre os casados - a outra metade -, há cerca de 25% de casamentos desfeitos.

A grande maioria se afirma de religião católica, com boa parcela de agnósticos e, mesmo, “soi-disants” ateus.

Em política, a imensa maioria situa-se à “esquerda”, com bom grupo de “centristas” e alguns de “direita”.

Em matéria de compromisso social, 1/3 ou pouco mais milita em alguma atividade; a mesma proporção do tempo de Colégio.

Um olhar para o passado de colegial mostra-nos cerca de um terço de alunos participando de movimento contra o regime ditatorial. Observe-se que, dos 2/3 que afirmam não ter participado, bom número fez o 2º grau a partir dos anos 80, quando tais movimentos se tinham esvaziado ou mesmo desaparecido.

Dois terços igualmente respondem que tinham, como alunos, a percepção total ou parcial dos principais valores da Proposta, entre os quais tem destaque absoluto o valor da *liberdade* seguido do *diálogo*, *espírito crítico*, *formação para a cidadania*, etc. Mais significativa ainda é a afirmação de que tais valores lhes permanecem na existência.

Rogados a apresentar os que julgam terem sido grandes educadores, desfilam dezenas de nomes, apontando algumas razões da preferência. Impossível enumerar todos os contemplados. Cito os mais:

Professor Joaquim Palhares, falecido em 15/09/94, surge como o mais lembrado. Trabalhou aqui por mais de vinte anos na área específica de aulas de Química para o 2º grau. "O único professor a conseguir se aproximar dos alunos sem deixar de ser professor". "O melhor professor de Química do Rio de Janeiro", são algumas das expressões respingadas no questionário.

Jorge Luís de Souza e Silva, falecido em 20/05/93. Professor de Matemática desde o ano 65, ocasionalmente também professor de Física, passou a coordenar o 2º grau em 66, quando a primeira turma ia enfrentar a concorrência dos cursinhos e o terror do Vestibular. Jorge Luís aceitou o desafio e venceu a parada. Conduzidos e estimulados pela extraordinária equipe por ele montada, os alunos chegaram a bom termo desde aquela primeira turma de 66. Jorge aposentou-se em 1982, mas sua influência perdurou por muitos anos no 2º grau. A Sede dos ex-alunos foi "batizada" com o seu nome. "Número um! sem ele, teria sido muito difícil o

Colégio ter representado tanto para nós; com carinho e competência, formou rara equipe de professores; guardei (dele) o exemplo de dignidade, caráter, profissionalismo. Em resumo, um grande homem!" Tais palavras eloqüentes poderiam certamente estender-se a muitos que o citaram sem justificar.

São freqüentemente lembrados: Pe. Almeida, Claudio Mário, Sérgio Drago, Duílio, Migdon, Marçal, Mota, Farias, Rogério (Física), Valente, Tedesco, Bira, De paula, Dario, Marcelo Sá, Celso Henrique, Fernando (Geografia), Claudio Dottori, Moacir Goes, Venuto, M. Paixão; os inspetores Trovão, Mozart e Guimarães. Até aqui, os citados pelo menos cinco vezes. Mas a lista continua.

As justificativas são no sentido de tais pessoas terem ultrapassado o lado profissional e se terem tornado amigos.

À pergunta: "que significa o São Vicente para a sua vida?" muitos respondem com eloqüência, deixando falar a saudade, a gratidão. Em meio a tantas queixas de um modo mecanizado, faz bem ler algumas das "explosões" emocionais:

"Foram anos importantes; a convivência com amigos que permanecem até hoje; a relação de

amizade com alguns professores era coisa muito boa; sabendo eu ou não, havia um processo de formação... que embasou todas as minhas convicções atuais".

"Antes de tudo saudade, muita saudade! Adolescência respeitada e libertadora".

"Significa a extensão da minha casa; aqui ganhei uma família maior, aprendi um sentido particular de participação na vida e da importância dessa participação consciente".

"... foi onde aprendi a ser gente e os valores de responsabilidades, esperança, justiça e convivência que norteiam minha vida até hoje".

"Um tempo mágico de descoberta, de integração, de muitos amigos e uma lembrança viva e motivadora".

Seria fastidioso continuar a citar, pois o teor é praticamente o mesmo da parte de quantos responderam ao quesito.

Permanece, contudo, uma questão intrigante: se os que responderam o fizeram de coração aberto, por que mais de 80% deixaram de responder? Quem sabe se, mais uma vez, a falha terá sido do correio ou da secretária?



Turma de 1969 - Bodas de Prata - Celebração no Colégio aos 09/12/94.

Destaca-se a presença do Prof. Dória m. da Silva que veio de Goiânia para a circunstância

O espelho mágico das formas plásticas

Sueli de Lima

(Professora Artes Plásticas)

Muitas vezes, a escola pergunta-se por caminhos capazes de promover uma maior integração entre as diferentes áreas do conhecimento, que convivem no currículo escolar. As particularidades dos conteúdos, se por um lado, constroem a natureza dos conhecimentos, por outro, são responsáveis pela aparente incomunicabilidade das várias propostas.

Nós, da equipe de artes plásticas, também estamos preocupados com a afirmação da especificidade e da complexidade dos conteúdos visuais. Principalmente se considerarmos que a Educação Artística só foi regulamentada em 1981 e que uma boa parte dos professores, diretores e pais não tiveram a possibilidade de pensar a linguagem visual. Para muitos, nosso trabalho pode ser encarado como o menos importante na hierarquia dos conhecimentos necessários à formação dos cidadãos. Neste sentido, nossa proposta de educação artística deveria ser estendida à toda comunidade, um vez que somente nossos alunos têm oportunidades de

interagir plasticamente.

As artes plásticas não são uma mera ilustração das demais atividades desenvolvidas pelo homem, mas um pensamento que contribui, assim como a ciência, para a formação da consciência de uma época.

Mas qual seria a natureza do conhecimento que as artes plásticas manipulam? Quais são seus limites? Como participa da estrutura do pensamento?

A especificidade do objeto artístico está diretamente relacionada com a natureza da linguagem que o produziu. No caso da linguagem visual, reconhecemos com o olhar uma série de elementos próprios deste universo: o espaço que ocupa, as formas que possui, o brilho de suas cores, além de todos os efeitos derivados das relações entre eles. Mas será que o universo de significação deste objeto está restrito a sua aparência visual?

Giulio Carlo Argan, um importante crítico de arte italiano parece nos provocar quando afirma que a história e a arte formam um só corpo de significações. Como entender tal afirmação se estamos justamente buscando na autonomia da experiência visual a valorização do nosso conteúdo?

Para Argan, o discurso da história participa do pensamento capaz de interrogar à arte por que o objeto artístico só se torna uma obra de arte quando se insere no nexó histórico. É ele quem retira a obra de sua imediatez, permitindo-lhe a participação do universo de pesquisa pictórica, que chamamos de história da arte. Para isto, a obra precisa responder a questões levantadas no passado e possuir uma fertilidade capaz de animar o debate no futuro. Fato que só é possível caso o artista, além de manipular formas e cores, interaja (consciente ou inconscientemente) historicamente. Todos esses pensamentos fazem parte da arte não

mais objeto e sim sujeito da história. A obra de arte, ao realizar-se, produz história e, nisto, revela-se sua intrínseca historicidade.

Para entender melhor estas idéias, tomemos o exemplo do espaço. Normalmente pensamos o espaço com um problema da arquitetura ou das artes plásticas. Entretanto, o professor italiano nos ensina que, para além de sua realidade objetiva, o espaço possui também dimensões históricas. O homem experimenta, expressa e constrói suas idéias espaciais através de vivências plásticas, mas este processo relaciona-se com a consciência histórica que possui. A concepção espacial de uma obra, assim como todos os outros elementos de significação, possui a capacidade de remeter o espectador através dos tempos, para o encontro com o pensamento que a criou. Como se a superfície da tela fosse um espelho mágico capaz de refletir seu mundo original.

Estas afirmações soam como um convite a um pensamento interdisciplinar no ensino da história e da arte. Nos despertam um desejo de renovação de nossas abordagens, através da elaboração de uma trama capaz de dar conta da especificidade dos pensamentos sem, contudo, isolá-los.

A questão, vale lembrar, não é reconhecer que as artes plásticas podem contribuir para a aprendizagem da matemática, da geografia, ou mesmo da história. Trata-se, sim, de um convite aos historiadores a pensar a arte como fundadora da história e aos artistas a reconhecer a historicidade intrínseca do fenômeno.

Quanto a nós, educadores artísticos, restamos o desafio de promover um diálogo maior entre a experiência estética e a interrogação histórica. Através de novas abordagens dos nossos objetos, podemos permitir a eles uma existência ativa, sempre renovada, e à percepção uma conduta inteligente.



DAS ARTES

Almir Telles
professor de teatro do SVP

. **LAURO BASILE**, com sua orquestra bem afinada de atores mirins, continua com projetos novos para o ano de 95. E eu na minha, só esperando que as formas cheguem no ginásio. Sejam bem vindos!

. **MÚSICA** - Patrícia Costa, a nossa Maestrina, com repertório da melhor qualidade, continua trabalhando surpresas. Vai uma sugestão: depois dos "festivais" (que vai ser um aplauso só!), que tal uma noite de serestas e modinhas brasileiras?

. **SHEILA DAIM** acabou de

participar de um encontro que debatia as artes plásticas nas escolas, que aconteceu no Andrews. O svp muito bem representado.

. Do primeiro casamento - ginásio (FAZ ESCURO MAS EU CANTO) e científico (CALABOUÇO) saiu o espetáculo "O BICHO ou HOME SWEET HOME", que participou do festival estudantil de Teatro. Entre 40 espetáculos apresentados, o Teatro do São Vicente se classificou entre os três primeiros colocados! A equipe está de parabéns! Detalhe: o único colégio a participar foi o SVP; os outros espetáculos eram de Faculdades e escolas especializadas em Teatro.

Vale dizer que na noite que se apresentou o São Vicente, a comunidade vicentina compareceu em peso ao Teatro Teatro Tereza Rachel, dando uma força. Após a apresentação o senador Darcy Ribeiro não poupava elogios, dizia que era um espetáculo sensível, inteligente e indignado; portanto muito oportuno.

PROJETOS DO ANO:

. CALABOUÇO:

Um texto sobre a repressão nos colégios, o abuso de poder e os preconceitos. Aguardem!

. FAZ ESCURO MAS EU CANTO:

Preparando: O Diário de Anne Frank - a adolescência e os terrores da 2ª Guerra. Lembrando os 50 anos de pós-guerra.

. Um lugar onde nossas emoções conhecem mais que nós próprios. Um depositário de sonhos e idéias; - de

lembranças nem se fala...!

Este lugar é o auditório, que para alegria nossa, está cada vez mais teatro.

Para esta reforma - onde se conseguiu mais: luzes, corredor, lavabos, uma cabine nova, um novo tablado, um moderno sistema de som - uma equipe de pesos pesados se mobilizou e se envolveu de uma forma bem intensa (Arthur, Patrícia, Grêmios, A.P.M...) Numa partida onde saímos vitoriosos.

Tudo isto salientando o esforço do Pe. Domingos e o inestimável apoio, que ultimamente tem ficado cada vez mais presente - para maior segurança de quem faz artes no Colégio São Vicente - do nosso diretor Pe. Almeida.

Em nome dos grupos Calabouço e Faz Escuro Mas eu Canto, eu quero agradecer sempre qualquer apoio dado ao campo das artes nesta casa. E vamos ao Teatro!

Estudar no exterior...? Por que não?

Organizador do texto:
Artur Motta (Coordenador Comunitário)

Após a segunda guerra mundial diversas propostas preventivas para a paz entre os povos surgiram, dentre elas a de intercambiar conhecimentos culturais através do incentivo a jovens para estudarem em outros países, nascendo assim o programa de Intercâmbio Cultural. Durante muito tempo, ele foi realizado tendo como característica a troca de estudantes entre vários países.

Há algum tempo este conceito foi reformulado entendendo-se, neste momento, que para o processo de Intercâmbio completar-se, não existe mais a necessidade da troca obrigatória de estudantes, desde que estes levem para a sua estada no exterior, material ilustrativo sobre sua cultura, tradição e história.

Para participar deste programa de Intercâmbio, o jovem deverá preencher alguns pré-requisitos básicos, tais como estar cursando o 2º grau, ter um nível intermediário de conhecimento do idioma oficial do País para onde estiver indo estudar, apresentar um bom histórico escolar e estar preparado para um ovo cotidiano de descobertas e adaptações. Por outro lado, os familiares dos candidatos ao Intercâmbio também devem apresentar um nível satisfatório de preparação para a ausência de seu filho(a).

Por fim, a escola onde o jovem está matriculado deve ser informada sobre os planos do estudante e emitir um parecer com referência a seu retorno pois, de acordo com a deliberação nº 124/85 do Conselho Estadual de Educação, cursos incompletos de 1º e 2º grau terão a aceitação ou

não das disciplinas cursadas no exterior decididas pela própria escola.

Se estudantes e familiares preencherem os requisitos acima não havendo empecilhos por parte da escola, como é o caso do São Vicente de Paulo, a segunda etapa deste processo, que é uma das mais importantes, consta da escolha da empresa responsável pelo Programa. Tal escolha deve ser conscienciosa uma vez que, com a constante procura por esses tipos de programa, a proliferação de empresas despreparadas é significativa e com isso, também, o aumento de problemas e escândalos envolvendo jovens intercambistas. A escolha deve iniciar-se analisando o material informativo de várias empresas; verificando a veracidade das informações fornecidas pessoalmente e, finalmente, constatando se as empresas pré-selecionadas são indicadas pelos respectivos órgãos governamentais, como por exemplo a Comissão Fulbright (ligada diretamente ao Consulado Americano) e se a empresa é membro BELTA - Brazilian Educational Language & Travel Association (Associação que as principais empresas de Turismo Educativo com o intuito de controlar a qualidade dos programas). Por último convém também verificar se a empresa organizadora do programa propõe-se a enviar cópias do boletim do estudante para sua escola aqui no Brasil, facilitando assim o acompanhamento necessário para um retorno sem problemas.

Feita a escolha, resta então, matricular o estudante, participar das reuniões preparatórias (que são de máxima importância para o bom desempenho do jovem) e aguardar o retorno do filho(a) certamente muito mais maduro e independente.

Curso de Férias

Vocation cultural Group - é a alternativa ideal para os estudantes, de 13 a 18 anos, que desejam conjugar o aprendizado do idioma com esportes, lazer e atividades culturais, vivenciando a cultura local, visitando locais históricos, teatros e museus e estudando com alunos das mais variadas nacionalidades. O participante estará integrado a um grupo de, no máximo, 20 alunos, acompanhado de um professor especialmente preparado e um consultor educacional CP-4, treinado dentro dos padrões de qualidade total adotados.

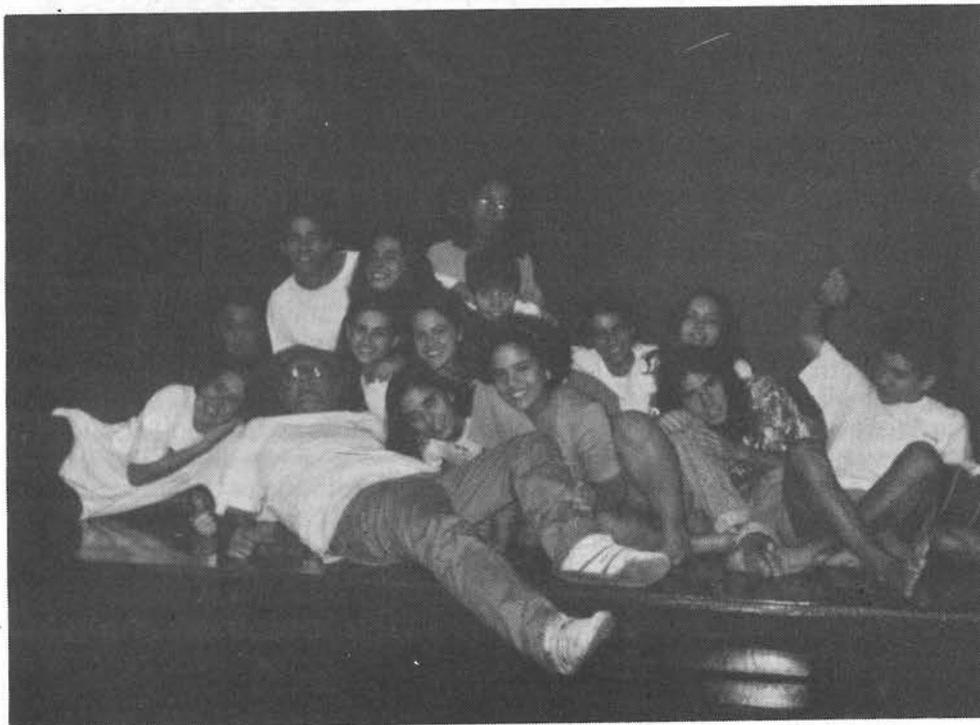
Os outros cursos acontecem em vários países, durante todo o ano, com duração variável entre 2 a 50 semanas, proporcionando ao participante, de qualquer faixa etária, a possibilidade de uma completa integração educacional, social e cultural.

No São Vicente

Numa tentativa de minimizar os problemas que vinham ocorrendo com os diversos intercambistas, o Colégio São Vicente de Paulo, no ano de 1994, firmou acordo com duas empresas do setor de Turismo Educativo e que já apresentam resultados positivos, pois constatou-se que os estudantes que já embarcaram com essas empresas não apresentam nenhum tipo de problema antes durante ou após sua estada no exterior. São elas: CVE - Central de Viagens Especiais e a CP-4 - Cultural Projects. Para conhecê-las melhor, leia seus anúncios nas contra-capas desta revista ou ligue para elas.

Se você quiser saber mais sobre Intercambio, procure o prof. Artur Motta, na Coordenação Comunitária do Colégio ou pelo tel. 205-0796.

O teatro, ah, o teatro...



O professor de teatro Almir Telles e o Grupo Calabouço numa pose para A CHAMA.

O teatro era o que fazia do São Vicente o nosso internato voluntário. Quantas vezes demos “Bom dia”, “Boa tarde” e “Boa noite” para o Pe. Venuto e para o Pe. Almeida! Além de ficarmos conhecendo todos os porteiros, inclusive os dos fins de semana.

Houve um dia, no ano de 90 (montava-se Macbeth- um grupo de alunos e ex-alunos), em que o ensaio se alongou noite a dentro. Ninguém tinha fome, nem sono. Quando o ensaio acabou, havia ainda outro trabalho- aquele que chamamos “produção”. Era cenários para moldar e pintar, luzes para afinar, ingressos e cartazes. A maior parte do grupo saiu do São Vicente quase duas horas da matina - nessas épocas a casa da gente é quase um lugar só para dormir. Dessa vez, nem isso... No dia, seguinte encontraram gente dormindo no auditório! Inacreditável! Tinham encostado para descansar e acabaram dormindo. Lavaram o rosto no banheiro, depois tomaram café com biscoitos na sala dos professores.

Poucas atividades seriam capazes de promover este milagre: fazer um

estudante dormir na escola. Mas o teatro tem mil faces que o tornam fascinante: a pesquisa, a música, a dança, a pintura, a escultura, a costura, o desenho... É um conjunto tão envolvente que supera sempre o cansaço físico, embora exija-se mais do corpo no teatro do que qualquer outra atividade. As mãos se tornam hábeis por manejar o pincel, o lápis e as agulhas. Os olhos mais atentos para perceber mesmo os movimentos que eles não podem ver. A voz mais forte, a dicção mais nítida. Os ouvidos são ensinados a distinguir não só as notas, mas a sutil tonalidade das vozes. O corpo se harmoniza aos poucos, e cada passo, cada movimento deve compor uma música de cujo ritmo depende a idéia. E a idéia (ela é que impulsiona o teatro!) deve ser acreditada e respeitada, fazendo com que cada um assuma uma responsabilidade. Responsabilidade para com o autor, para com o grupo e para com o espírito mágico que cerca a sexta arte.

Andrezza Bittencourt
Niuxa Drago
(ex-alunas)

Quem canta...seus males espanta!

Norma Nogueira
(Professora de canto)

O Coral Aberto é um coral de pais, alunos, funcionários e amigos, regido por Marco Marques e Norma Nogueira. O coro existe no Colégio São Vicente de Paulo desde 1993.

Participou dos festivais de Canto Coral nos colégios São Vicente, Zaccaria e Centro Educacional da Lagoa. Cantou na abertura do evento “Novos e Ilustres na Arte e na Música” no Centro Cultural Comunitário Catsapá Obras e Artes e na festa de Natal do CSVP, acompanhado pelo baixo acústico de Dôdo Ferreira, músico integrante dos “Miquinhos Amestrados” e pelos violões de Lisa Saldanha e Luiz Flávio Alcofra do grupo de chorinho “Água de Moringa”.

A proposta do Coral aberto é formar um grupo vocal que integre música com teatro e dança, visando a harmonização do trabalho com momentos de lazer e descontração.

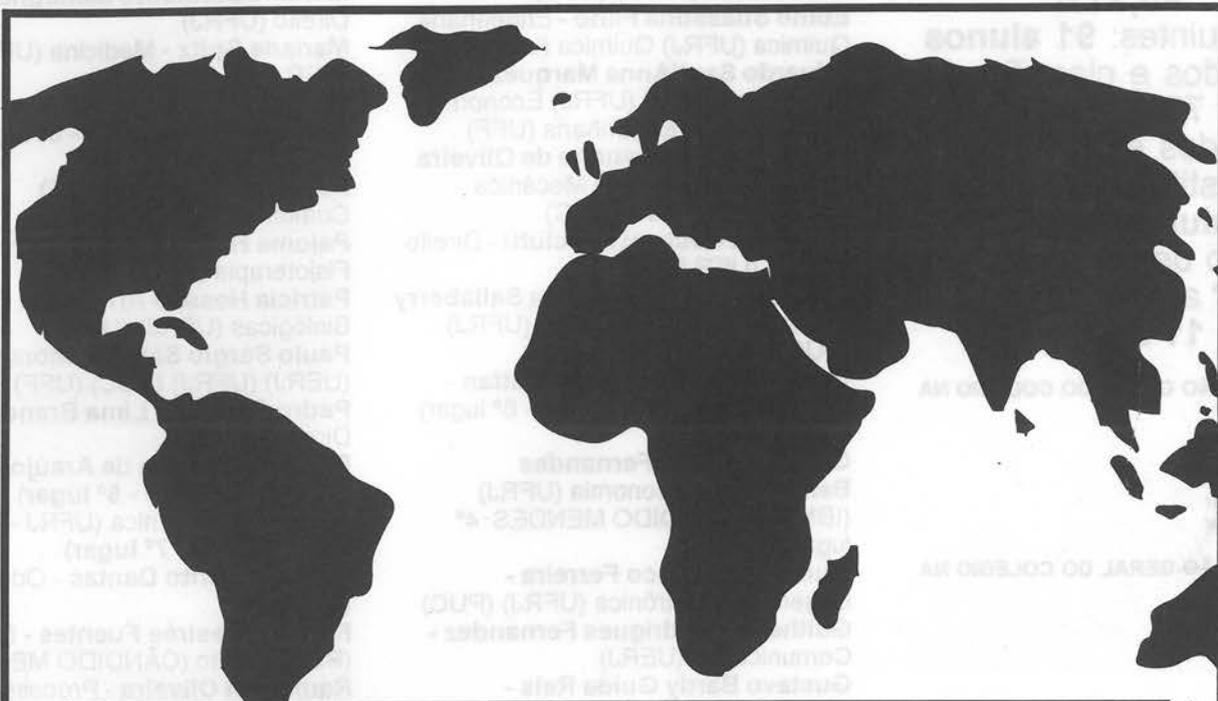
O canto coral estimula a criatividade e a sensibilidade artística, desenvolvendo de forma muito especial diversas habilidade nos participantes.

Apresentaremos arranjos inéditos de músicas brasileiras e estrangeiras, do popular ao erudito, sendo cada música escolhida de acordo com o impacto que irá causar no público.

O Coral aberto se reúne às quartas feiras, a partir das 18h, no auditório.



CP-4 Cultural Projects sua porta para o mundo



Se você valoriza sua cultura, venha conhecer a CP-4 Cultural Projects. Aqui, você encontra a mais alta qualidade e um eficiente atendimento personalizado. Nossos cursos e programas atendem aos mais variados interesses, destacando você para o futuro.

- Intercâmbio em escolas públicas e particulares em vários países
- Cursos de Marketing
- Vacation Cultural Group: curso de férias para adolescentes
- Estágio no exterior
- Cursos de idiomas em 17 países
- Curso para executivos
- Convivência Internacional para a 3ª Idade
- Colleague
- Cursos específicos e técnicos

Maiores Informações:

A equipe da CP-4 Cultural Projects está apta a informar e orientar o estudante e seus pais em todos os aspectos dos diferentes programas. Marque uma entrevista para conhecer nosso sistema de assessoria personalizada CP-4.

Tel. (021) 226.5508 Tel./Fax: (021) 246.3334



CP-4
Cultural Projects



Relação de alunos concluintes da 3ª série do 2º grau e classificados nos vestibulares

1995

Índice de aprovação:
80,21%

Concluintes: **91 alunos**
Aprovados e classificados:
73 alunos

Aprovados e classificados
para instituições públicas:
51 alunos (56,04%)

Número de colocações do
1º ao 10º lugar:
11 alunos

CLASSIFICAÇÃO GERAL DO COLÉGIO NA UFRJ

1995 - 8º lugar
1994 - 9º lugar
1993 - 11º lugar
1992 - 11º lugar
1991 - 11º lugar

CLASSIFICAÇÃO GERAL DO COLÉGIO NA UERJ

1995 - 11º lugar
1994 - 7º lugar

Andréa Bulcão Vianna de Carvalho - Ciências Econômicas (UFRJ) - (PUC) - (UERJ)

Adriano Santiago de Matos - Comunicação (PUC)

Aline Cristiane do Carmo Lomenso - Administração (UFRJ) - (PUC)

Ana Luiza Mattos Braga - Engenharia de Produção (UFRJ) - Engenharia (UERJ) - Engenharia de Alimentos (UNICAMP)

Ana Slade Carlos de Oliveira - Arquitetura (UFRJ)

Angelo Madureira de Pinho Lisbôa - Administração (UFRJ) - (PUC)

Bianca de Castro Dantas - Direito (UFRJ) - Psicologia (PUC)

Camila Andrade Drubscky - Psicologia (PUC)

Carolina Rollemberg Wagner - Administração (USU)

Carolina Sá de Magalhães Serejo - Direito (USU)

Carlos Alexandre Corrêa Pinto Lutterbach - Desenho Industrial (PUC)

Claudio Melo de Gusmão - Engenharia Química (UFRJ - 6º lugar) (PUC - 8º lugar)

Claudio Paleólogo Elefteriadis de França Santos - Engenharia Eletrônica (UFRJ) (UNICAMP) (PUC)

Cristiana Corrêa de Araújo Pinho - Administração (USU)

Daniel A. Nascimento - Direito (UFF)

Daniel Real de Carvalho e Melo - Engenharia Química (UFRJ)

Diego Arraes de Alencar Fernandes - Economia (PUC)

Diego Duque Guimarães - Ciências Econômicas (UFRJ) (PUC)

Edmo Suassuna Filho - Engenharia Química (UFRJ) Química (UERJ)

Eduardo Sant'Anna Marquez - Engenharia Naval (UFRJ) Economia (PUC) (UERJ) Engenharia (UFF)

Eurico Angelo Brandão de Oliveira Miranda - Engenharia Mecânica (UFRJ) Engenharia (PUC)

Fernanda Rochael Nasciutti - Direito (UFRJ) (UERJ) (PUC)

Gabriel D'Arrochella Lima Sallaberry - Engenharia de Produção (UFRJ) (PUC)

Gabriel Dreyfus Weibert Cattan - Ciências Biológicas (UFRJ - 6º lugar) (USU)

Guilherme Dias Fernandes Benchimol - Economia (UFRJ) (IBMEC) (CANDIDO MENDES 4º lugar)

Guilherme Franco Ferreira - Engenharia Eletrônica (UFRJ) (PUC)

Guilherme Rodrigues Fernandez - Comunicação (UERJ)

Gustavo Bardy Guida Reis - Economia (PUC)

Gustavo Texeira de Souza Marques - Economia (PUC) (IBMEC) Engenharia (UFF)

Helena Espellet Klein - Direito (UFRJ) (UERJ)

Hu Yu Ming - Economia (UFF) (USU) Direito (CANDIDO MENDES)

Jeroen de Wit Brito Paternostro - Biologia (USU)

Joana Ribeiro Barreto - Comunicação (UFRJ) Desenho Industrial (UERJ)

Joana de Vicente Salgado - Arquitetura - (UFRJ) (USU) Desenho Industrial (PUC)

Leandro Schuch Silveira - Engenharia Química (UFRJ)

Leticia Malcotti Giannini - Direito (CANDIDO MENDES) (PUC)

Liana Barreto Gleiser - Engenharia (PUC)

Luciana Mariante de Sá Parente - Comunicação Social (GAMA FILHO)

Luiz Antonio Franco de Oliveira Filho - Engenharia (UFRJ) (PUC) Química (UERJ)

Luiz Eduardo Wetzel Brandão dos Santos - Ciências Econômicas (UFRJ) (PUC - 14º lugar)

Luiz Felipe Gonzalez Oliveira - Engenharia Química (UFRJ) Química (UFRJ) Química (UFF)

Luiza Almeida Curado - Ciências Econômicas (UFRJ) (PUC) (IBMEC)

Luisa Uchôa Fonyat - Arquitetura (USU)

Marcelo Souza Azevedo - Administração (PUC) (IBMEC) (UFRJ)

Direito (UERJ)

Mariana Sarmiento Meneghetti - Direito (UFRJ)

Mariana Spitz - Medicina (UFRJ) (UERJ - 3º lugar)

Natália Ribeiro Taddei - Fonoaudiologia (UFRJ - 3º lugar) (IBMR - 2º lugar)

Pablo Sorj - Direito (PUC) Comunicação (UFRJ)

Paloma Hargreaves Fialho - Fisioterapia (UFRJ)

Patricia Hessab Alvarenga - Ciências Biológicas (UFRJ) (UERJ)

Paulo Sérgio Salgado Moraes - Direito (UERJ) (UFRJ) (PUC) (UFF)

Pedro Daudt de Lima Brandão - Direito (PUC)

Pedro Quaresma de Araújo - Engenharia (PUC - 6º lugar)

Engenharia Química (UFRJ - 8º lugar) (UERJ - 7º lugar)

Rafael de Brito Dantas - Odontologia (UFF)

Rafaela Desirée Fuentes - Engenharia (PUC) Direito (CANDIDO MENDES)

Raul Silva Oliveira - Processamento de Dados (PUC)

Renata de Albuquerque de Azevedo - Engenharia Eletrônica (UFRJ) (UERJ) Engenharia (PUC) (USU)

Ricardo Curi Goulart - Administração (PUC)

Roberto de Oliveira Fleury - Arquitetura (UFRJ)

Roberto Vasconcelos Vianna - Direito (USU)

Rodrigo Aguiar Rojas - Engenharia (UFF)

Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde - Geografia (UFRJ - 2º lugar)

Rodrigo Wrobel Bonelli - Arquitetura (USU)

Rosana Maldonado Torres - Psicologia (UFRJ) (PUC)

Samantha Guedes Sauma Aquim - Psicologia (PUC)

Silvia da Castro Araújo Fisher - Biologia (USU) Administração (CA- RIOCA - 3º lugar)

Silvia Mansur de Oliveira - Ciências Econômicas (UERJ) (UFRJ)

Sílvio Passarini de Resende Junior - Medicina (UFRJ) (UFF)

Tatiana Simões Corrêa - Fonoaudiologia (ESTÁCIO - 5º lugar)

Thiago Marinho Nunes - Direito (UFRJ)

Thiago Mourão - Engenharia (UFRJ) (UENF - 12º lugar) (PUC)

Vinicius da Silva Almendra - Engenharia (PUC - 3º lugar) (PUC)

Wagner Neves Diniz Chaves - Ciências Sociais (UFRJ - 7º lugar) (UERJ)